



História
coletiva

ESE João de Deus

O MILAGRE DE PIÓDÃO



CC-BY-NC-ND :: Tania & Artur <https://flickr.com/photos/taniaho/>

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO JOÃO DE DEUS

Estudantes da Licenciatura em Educação Básica

Julho de 2024

FICHA TÉCNICA



ESE João de Deus

Título	<i>O milagre de Piódão</i> (História coletiva)
Autoria	Estudantes finalistas da Licenciatura em Educação Básica - Ano letivo de 2023/2024: Beatriz Vilagelim, Beatriz Diogo, Beatriz Figueiredo, Beatriz Batista, Carina Valente, Carolina Antunes, Cristiana Passos, Dalila Alves, Daniela Trindade, Débora Alves, Filipa Coelho, Gonçalo Pinto, Joana Almeida, João Ramos, Júlia Gama, Mariana Moura, Patrícia Mineiro, Sofia Patrício, Teresa Vieira, Matilde Cardoso.
Coordenação	Isabel Maria Silva Ruivo Filomena Moreira da Silva
Design e composição digital	Jaime Santos
Digitalização	Rita Cruz
Edição	Julho de 2024
Publicação	Escola Superior de Educação João de Deus
ISBN	978-972-8061-87-6

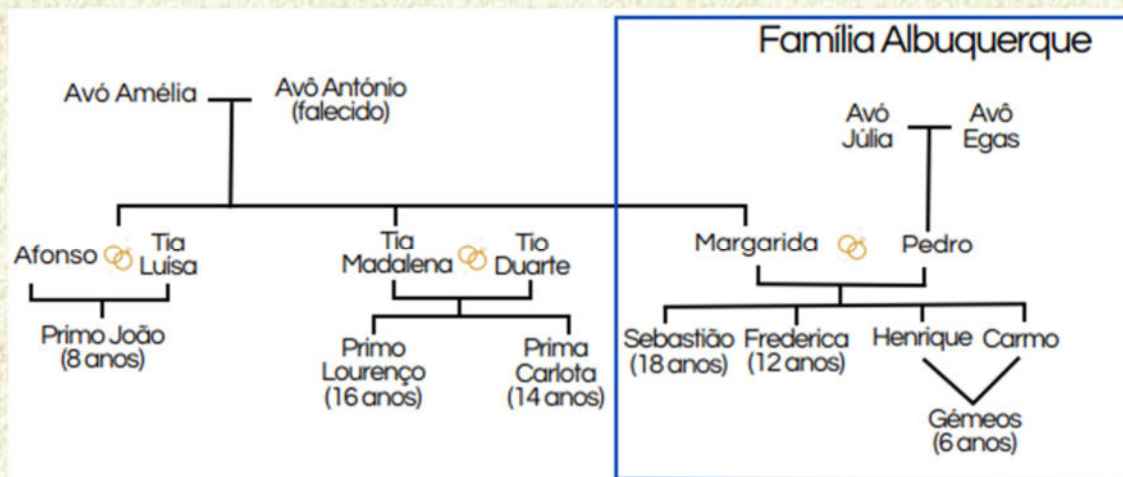


Imagens em fotografia: direitos em referência.
Desenhos nos capítulos: autoria dos estudantes.
Fonte de caracteres Cambria (MS Windows)



Para impressão, aconselha-se o uso de papel comum, formato de página A4 vertical, frente e verso.

ÁRVORE GENEALÓGICA DESTA HISTÓRIA



Índice

Prefácio.....	4
Capítulo I	5
Capítulo II	9
Capítulo III	12
Capítulo IV	14
Capítulo V	16
Capítulo VI	19
Capítulo VII	22
Capítulo VIII	26
Capítulo IX	28
Capítulo X	30
Capítulo XI	32
Capítulo XII	34
Capítulo XIII	36
Capítulo XIV	38
Capítulo XV	40
Capítulo XVI	42
Capítulo XVII	43
Capítulo XVIII	45
Capítulo XIX	50
Capítulo XX	52

Prefácio

Muitos dos grandes textos da humanidade são obras coletivas, na medida em que a tradição oral as criou, as preservou e as foi enriquecendo ao longo de séculos até chegarem a uma forma escrita definitiva. É o caso da Bíblia; mas são também os casos do Alcorão, da *Ilíada*, da *Odisseia* e do *Mahabharata*, essa deslumbrante epopeia indiana. O berço da Literatura Portuguesa também se encontra em obras coletivas como os cancioneiros das cantigas dos trovadores medievais e os livros de linhagens, para referir apenas dois exemplos.

Um texto escrito a várias mãos, com ideias vindas de diferentes cabeças, tem o privilégio de ser enriquecido pela participação de diversos contributos e de diferentes perspetivas. É o que sucede com o livro que aqui se apresenta. Trata-se de uma verdadeira obra coletiva porque a narrativa que nela se conta foi projetada pelos alunos do 3.º ano da Licenciatura em Ensino Básico, do ano letivo de 2023/2024, da Escola Superior de Educação João de Deus, e foi escrita sucessivamente, capítulo a capítulo, por cada um dos estudantes da turma. Em plenário, aula a aula, discutiam-se as opções a tomar sobre o decorrer dos acontecimentos, revia-se o texto e conferiam-se-lhe a unidade, a coerência e a fluidez que este agora exhibe.

O produto final deste processo de escrita é uma história bem contada que agarra o leitor da primeira à última página. A sustentar o interesse de quem lê está um mistério, até porque é fundamental que qualquer história bem contada tenha um mistério de algum tipo. Mas outros ingredientes contribuíram para o sabor doce deste conto: a presença da magia, da alegria, do carinho entre os membros de uma família e da solidariedade entre os habitantes de uma pequena comunidade – sem esquecer a participação de um cão traquina, que vai pôr a casa dos protagonistas num virote. E aqui fica uma história que consegue encantar miúdos e graúdos.

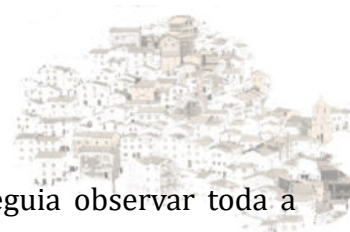
Saliente-se também um aspeto muito relevante deste trabalho literário. Os seus autores são futuros professores que, pela escrita, revelam a sua criatividade e o seu amor à literatura. Mas a história que escreveram diz também muito sobre eles. Os valores humanos que nela encontramos, a importância dada aos afetos e às relações humanas, a defesa do património (material e imaterial) deixam adivinhar os princípios e os ideais que estes jovens levarão consigo para a sua prática docente e para o ato de ensinar, que é um ato de entrega ao Outro.

Por todas estas razões, estão de parabéns os autores desta história, mas estão também de parabéns a Professora Filomena Silva, que trouxe esta atividade para a Associação de Jardins Escolas João de Deus e a cultivou durante anos, e a Professora Isabel Ruivo, que orquestrou a escrita deste texto e o tornou, com a sua batuta sábia e apaixonada, numa sinfonia harmoniosa.

Alexandre Dias Pinto

(Escola Superior de Educação João de Deus/Centro de Linguística da Universidade de Lisboa)

Capítulo I



Pela janela grande da sala principal, Frederica conseguia observar toda a aldeia de Piódão. Era uma aldeia histórica, encaixada na Serra do Açor, que se destacava pelas suas casas de xisto, adornadas com janelas de madeira pintadas de um azul tão vivo que nem mesmo a neve do inverno ousava esconder. Pelas suas ruas estreitas, há muitos anos povoadas por gentes da terra, passeavam agora muitos turistas. Ao redor, estendiam-se campos íngremes, sulcados pelo xisto. Na primavera, os campos vestiam-se de todas as tonalidades de verde.



No inverno, por sua vez, cobriam-se com mantos longos, lisos e reluzentes, quais vestidos brancos de noiva, açoitado pelo vento. Quando chegava a noite, a aldeia ficava toda iluminada, digna do mais belo postal de Natal.

Frederica amava a sua terra e era incapaz de se imaginar a viver noutro lugar. Ali, no coração de Portugal, na pequena aldeia de Piódão, residia, também, a sua querida família, unida e generosa como nenhuma outra. Anualmente, reuniam-se para celebrar o Natal, num encontro que mesclava recordações de tempos passados com a emoção de conhecer novos membros da família, tornando cada Natal uma verdadeira festa de celebridades.

Entretanto, o que eles não poderiam prever era que este ano a festa ganharia contornos de uma magia única e especial.



Convido-vos, então, a espreitar pela janela e descobrir o que de tão extraordinário aconteceu...

Numa manhã típica de dezembro, Frederica e os seus três irmãos – Sebastião e os gémeos Henrique e Carminho - decidiram ajudar a mãe a decorar a casa e a enfeitar a árvore de Natal.

O ambiente estava muito animado. Os irmãos de Frederica, juntamente com ela, cantavam, dançavam, contavam piadas e lembravam momentos divertidos que tinham vivido juntos. Entre uma tarefa e outra, saboreavam bolachinhas acabadas de sair do forno e deliciavam-se com um fumegante chocolate quente.

E assim, finalmente, a noite mais esperada do ano para a família Albuquerque havia chegado. Frederica e os seus irmãos dedicaram-se a preparar a mesa de jantar com entusiasmo, ansiosos pela chegada dos avós, tios e primos.

Não tardou muito tempo até a casa ficar repleta de pessoas felizes, sorridentes e com aquele “brilhozinho nos olhos” – como descreve Jorge Palma numa das músicas favoritas da mãe. Ao observar a família toda reunida, Frederica emocionou-se. Depressa limpou a lágrima que escorria pelo seu rosto e foi brincar com os primos. Era a coisa que mais gostava de fazer com eles nesta altura.

Frederica queria aproveitar da melhor forma a noite mais espetacular do ano. Todos os momentos eram únicos e raros.

Depois do jantar, tinha chegado a hora de se levantarem e irem comer os doces e as guloseimas que estavam espalhadas em pequeninos cestos pela casa. Comeram muitos, sempre com Frederica a lembrar que não deviam exagerar para não terem dores de barriga.

Os adultos, avós, tios, tias, primos mais velhos, reuniram-se na sala contígua à sala de jantar, onde jogaram às cartas e fizeram inúmeros jogos de tabuleiro: damas, dominó, monopólio, *quizz*, jogo da glória, entre outros.

Uns estavam focados na mesa de jogo, outros nas gomas que se colavam aos dentes, outros ainda, no chá aconchegante que aquecia a noite; os restantes, olhavam pelas vidraças frias da janela da sala de jantar.

De repente, surge uma luz que entra pela casa dentro, inunda de brilho a sala e quase encandeia as pessoas. Ao mesmo tempo, ouve-se o som de vários sinos que provem da árvore de Natal. Que seria aquilo?

– O que é isto? O que está a acontecer? – perguntou assustada a mãe de Frederica.

– Crianças, acho que hoje é o nosso dia de sorte! – afirmou Pedro, o pai de Frederica, que não conseguia esconder o entusiasmo.

– Pai, como podes ter tanta certeza disso? – questionou Frederica, que sempre fora uma menina curiosa.

– Olhem para debaixo da árvore de Natal. Está ali um papel, parece uma carta. Não a querem ir buscar para ler? – sugeriu Pedro.

Frederica começou a ler a carta. A sua voz estremeceu e ela ainda não acreditava no que estava a acontecer. Naquela simples folha estava escrito o que todos desejavam ouvir, mas que não supunham poder ser possível. Assim, Frederica leu a carta em voz alta:

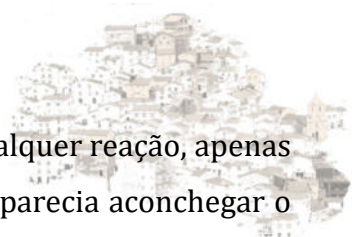
Querida família da casa n.º 25

A vossa família tem sido exemplar e bastante inspiradora para todos os que vos conhecem.

Hoje, algo de fantástico vai acontecer.

Poderão pensar que é um sonho, mas verão que os feitos são palpáveis, a *felicidade* é real e as *surpresas* são verdadeiras. Estão curiosos? Vou revelar tudo: cada enfeite que está na vossa linda árvore de Natal terá o poder de conceder um desejo. Cada pessoa que pegar num desses objetos terá a oportunidade de pedir algo que gostava muito que acontecesse, por mais estranho que possa parecer... isso será o desafio. Podem partilhá-lo com quem quiserem.

Tenham um excelente Natal e sejam muito felizes!



Por uns momentos ficaram todos em silêncio e sem qualquer reação, apenas se ouvia o crepitar da lenha a arder na lareira, um calor que parecia aconchegar o coração de todos naquele momento estranho, mas belo. Não conseguiam esconder a felicidade que sentiam, principalmente Frederica que nunca pensou que algo tão único e especial fosse acontecer com ela e com a sua família.

– O que vamos fazer agora? Contamos a alguém o que aconteceu? – interrogou Carminho que manifestava sempre a sua curiosidade, querendo resposta imediata para todas as suas dúvidas. Era igual ao seu irmão gémeo que naquele momento subscrevia a pergunta da irmã com um olhar esbugalhado, ansioso.

– Eu acho que devemos partilhar com toda a aldeia – expressou Sebastião, o irmão e neto mais velho, nos seus dezoito anos feitos em outubro, e que sempre fora bastante solidário e sensato, igual à sua irmã Frederica.

Depois desta afirmação de Sebastião, todos olharam para os avós aguardando a opinião deles. Enquanto esperavam que a avó Amélia, a avó Júlia e o avô Egas falassem, cada elemento da família foi pensando no seu desejo.

Desde que ficara viúva há apenas um ano, a avó Amélia havia perdido a alegria e a vivacidade que lhe eram tão características. Júlia e Egas, os avós paternos de Frederica, tentavam de todas as formas envolvê-la nas atividades e na vida da família, mas não era tarefa fácil. A dor da perda ainda estava muito presente e a relação entre Amélia e o seu falecido marido, António, fora tão forte e bonita que não era possível esquecer facilmente. Eles eram um motivo de orgulho e admiração de todos, e, assim, os pensamentos da avó Amélia frequentemente se voltavam para António, deixando-a reflexiva e distante.

Absortos nas suas memórias, os avós tentavam encontrar as palavras certas para dizerem, mas nada parecia fluir nas suas mentes, tal era o mistério em que se sentiam envolvidos.

Por sua vez, os filhos e netos não conseguiam silenciar a sua emoção.

Capítulo II



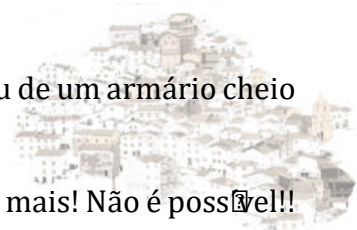
Carminho, no alto dos seus seis anos, desejava ter um armário com roupas de princesa, o Henrique queria um quarto cheio de brinquedos, o Sebastião gostaria de tirar a carta de condução e a Frederica desejava muito passar de ano com boas notas. Margarida, mãe de Frederica, sonhava fazer um cruzeiro pelo Pacífico e visitar países de praias quentes. Há muito tempo que ela andava a pesquisar sobre viagens para destinos paradisíacos, como o Havai, em revistas e *online*. Tinha encontrado, entre os diversos roteiros tentadores, um em especial que captou a sua atenção: era um pacote oferecido por uma agência de viagens renomada, repleto de opções a preços muito acessíveis. Ofereciam *transfer* do aeroporto para um luxuoso hotel *resort* de cinco estrelas na primeira noite, seguido pela embarcação num navio cruzeiro.



Por sua vez, o sonho de Pedro, marido de Margarida, era fazer um *tour* pela Europa de autocaravana, com a família, e visitar cidades históricas como Roma, Veneza, Atenas e Berlim.

Esta algarviada foi um momento de partilha barulhento, mas interativo e alegre. Todos queriam comunicar alguma coisa, mas, ao mesmo tempo, havia que manter sigilo, pois tratava-se dos desejos pessoais. Afinal, a carta-mistério poderia

trazer algo muito mais espetacular, diferente de uma viagem ou de um armário cheio de roupas.



– Disto é que eu não estava à espera! Esta surpresa é de mais! Não é possível!! O que faremos com esta oportunidade? Estou completamente atordoado! E vocês, o que acham? – desabafou o avô Egas, de sorriso no rosto, feliz e inquieto ao mesmo tempo, passeando pela sala e quebrando o silêncio do grupo dos avós...

– Deveríamos contar só às pessoas mais próximas... – disse a avó Amélia discretamente, folheando o álbum de fotografias antigas que o filho lhe entregara minutos antes.

– Eu concordo! – disseram todos.

João, o primo mais novo de Frederica, tinha oito anos e todos diziam que era uma criança egocêntrica. O tio Afonso e a tia Luísa manifestavam, muitas vezes, o seu desagrado por esta característica do filho. Parecia sofrer de “síndrome de filho único” – como às vezes se diz – e levava os pais ao arrependimento por não lhe terem dado um irmão. O convívio com os primos fazia-lhe bem e todos achavam que alguma transformação haveria de acontecer um dia. Ele olhou para a avó Júlia, que bebia o seu chocolate quente e sussurrou:

– Depois vão roubar-nos os desejos... acho melhor não contar a ninguém, assim ficam todos para nós...

– Não digas isso, não sejas egoísta! – argumentou o pequeno Henrique com um ar muito sério, enquanto ajudava a pôr a mesa.

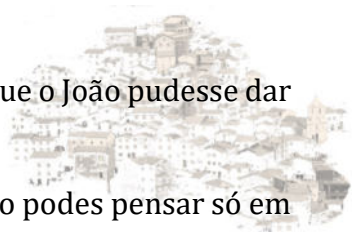
– Não estás a perceber, – ripostou de imediato João - se contarmos aos nossos amigos, eles também vão querer pedir desejos. E depois não sobra nenhum para nós.

João falou com um tom de voz elevado, sentindo que era preciso convencer todos da sua verdade.

Frederica, acabada de entrar na sala, deu-se conta da pequena discussão entre o irmão e o primo. Estava à espera do momento ideal para intervir e dar a sua opinião, mas não demorou muito, pois João estava irredutível.

– João, – começou por dizer Frederica – não podes afirmar uma coisa dessas. Estamos no Natal! O Natal é isso: partilha e solidariedade. Não podes pensar só em ti. Existem muitas pessoas por aí que têm dificuldades e não podemos fechar os olhos. Pensa, existem crianças no mundo que não recebem brinquedos porque os pais não os podem comprar. Há até quem não consiga passar o Natal com a família.

As palavras de Frederica emocionaram todos. E, antes que o João pudesse dar resposta à prima...



– A Frederica tem razão, filho – interveio a tia Luísa. Não podes pensar só em ti, tens de começar a pensar também nos outros. Neste momento, há muitos meninos e meninas tristes e com fome. Pensa nisso...Vá, agora vamos ajudar a tia Margarida. Mais tarde havemos de pensar no que fazer.

Já na sala, Luísa parou na poltrona onde Amélia estava sentada e observou a sogra que olhava fixamente para a mesma página do álbum de fotografias.

– Então, sogrinha, está a pensar em quê? Posso saber? – questionou Luísa emocionada.

Capítulo III



De semblante triste, Amélia olhou para Luísa e mostrou-lhe uma fotografia.

– Tenho muitas saudades do meu querido António. Era um homem muito especial. Nesta noite sinto ainda mais a sua falta! – confidenciou Amélia.

– Então? Nunca tinha tido essa conversa connosco, Amélia – salientou Margarida.

– Não vos queria preocupar – respondeu a sogra com os olhos marejados de lágrimas.

– Sentir saudades é normal, legítimo e saudável, principalmente quando perdemos alguém que nos é tão querido – disse Luísa.

– Tenho saudades da sua companhia, dos momentos que vivemos juntos, e do quanto ele gostava de estar com os netos – disse Amélia, lamentando a ausência.

– Avó, não fiques triste! – disse Frederica, aproximando-se dela e abraçando-a. – O avô vai gostar para sempre muito de nós! Anda, vem daí.

Esboçando um sorriso triste, a avó fechou o álbum de fotografias, levantou-se e foi juntar-se à família.

Para fim de conversa, tinham decidido ir ver um filme na televisão. Estavam todos sentados. Uns no sofá, outros em poltronas ou cadeiras e os mais pequenos espalhados em almofadas pelo chão, enrolados em mantas. Surpreendentemente, o tema era de uma família a quem tinha sido dada a hipótese de concretizar um desejo de Natal.

Quando terminou a sessão, perceberam que o filme os tinha deixado ainda mais pensativos em relação aos seus desejos. Já não sabiam bem o que queriam pedir. Algumas perguntas faziam eco dentro das suas mentes: A quem direccionar a concretização dos desejos do bem? Quem precisaria de ser alvo de um desejo bom? Quem necessitaria de um pouco de sorte na vida?

Assim, conversando uns com os outros, expunham as suas ideias, as suas questões, e sentiam que a dúvida e a incerteza, a alegria e o medo, faziam parte dos seus pensamentos e palavras. Seriam dignos de tamanha sorte? Porquê? Porquê eles? A sua família era especial, com certeza, mas o que poderiam fazer para tornar mais feliz a vida de outras pessoas?

Os desejos, os pedidos, os enfeites da árvore, as pessoas da aldeia, as histórias conhecidas e desconhecidas das famílias, dos vizinhos, dos amigos, tudo isto continuava a preencher o tema das conversas. A avó Amélia observava-os. Devagarinho aproximou-se dos netos.

– Nunca se esqueçam de que o maior desejo que podemos pedir é o de estarmos sempre todos juntos. Não são as coisas materiais que mais importam, mas sim a felicidade de nos termos uns aos outros – disse, sussurrando.

A restante família, olhou para a avó e sorriu.



A FAMÍLIA ALBUQUERQUE

Capítulo IV



O dia estava a chegar ao fim. Aquele tinha sido um dia longo, cheio de emoções para gerir. Na verdade, com todos aqueles acontecimentos, o tempo passou tão rápido que a família nem deu conta. Os adultos já estavam bastante cansados. As crianças também. Por isso, Margarida começou a chamar os mais novos para a cama. Já passava da uma hora da madrugada. Na família, a tradição era abrirem os presentes na manhã do dia 25 de dezembro.

Apesar do cansaço e do “João Pestana” ir fechando os olhos dos gémeos e do João, eles não queriam ir dormir. Frederica, com o seu espírito maternal e bom humor, lembrou-os de dizer que iam dormir todos no mesmo quarto. Que grande lembrança! Afinal já queriam ir dormir e, rapidamente, se perfilaram pelo corredor fora muito animados. Fizeram até uma competição para ver quem seria o primeiro a chegar e a vestir o pijama. Lourenço e Carlota já estavam no seu quarto.

A rapidez para se despirem, fazerem a higiene e vestirem os pijamas foi grande...Frederica e Sebastião ajudaram. Todos estavam divertidos e felizes, os que ganharam os jogos em que participaram e os outros.



Quando já todos se tinham deitado, Sebastião lançou uma pergunta à irmã. Agora o assunto era só entre eles.

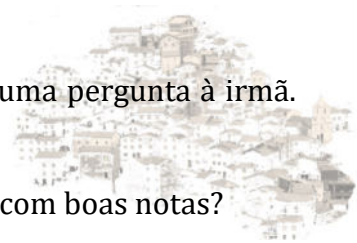
– E tu, Frederica, sempre vais pedir o desejo de passar com boas notas?

– Não sei – disse a Frederica, bastante confusa. – E tu, ainda desejas tirar a carta de condução?

– Também não sei – respondeu Sebastião um pouco triste. – Sabes Frederica, eu queria mesmo tirar a carta de condução, mas depois do que a avó disse, acho que consigo fazer isso por mim mesmo e vou pedir um desejo mais extraordinário para fazer felizes outras pessoas.

Na cama, Frederica deitou a cabeça na almofada e ficou a matutar no que o irmão lhe dissera. Ela também conseguiria ter boas notas sozinha. Se pensasse mais um bocadinho, poderia arranjar um desejo ainda mais incrível, que não fosse só para ela, mas para toda a família. Nessa noite, dormiu mal. Andou às voltas na cama. Pensou em pedir umas férias para a família toda, assim estariam unidos e guardariam, com certeza, memórias incríveis; ou talvez desejasse uma casa de férias, para que todos os anos pudessem passar grandes momentos juntos.

A sua cabeça não parava. Tinha de ser algo perfeito. De tanto pensar, Frederica adormeceu.



Capítulo V



O dia amanheceu frio. Frederica acordou com o cheiro do pão acabado de saltar da torradeira e, sem fazer barulho, foi a correr para a cozinha. Pelo caminho olhou de soslaio para a rua através da janela do corredor. Era uma paisagem arrebatadora, a aldeia estava coberta de neve. Como é bom viver aqui, pensou ela.

Ao chegar, observou cada uma das mulheres. Eram todas uma inspiração para ela. A mãe, era a sua musa; a tia Luísa, mulher sensível e brincalhona, era escolhida por todos quando o assunto eram jogos de tabuleiro; a tia Madalena, mais reservada e reflexiva, era o suporte indispensável para os seus filhos e marido; a avó Júlia fazia uma parrelha bem divertida com o avô Egas; a avó Amélia, depois da partida do avô António, ficou mais sensível e precisava de mimos e carinho de toda a família. Era maravilhoso ver todas aquelas mulheres reunidas. Quando fosse adulta, também queria ser como elas e fazer parte daquele grupo.

A cozinha era grande, tinha móveis castanhos e o granito escuro que cobria o chão, tornava o ambiente sombrio. Também a luz exterior apenas tinha uma janela por onde podia entrar e brilhar. No centro da cozinha havia uma mesa comprida, contavam-se dez lugares. Naquele momento, era possível apreciar uma grande quantidade de comida em preparação, doces e salgados que fariam as delícias da próxima refeição.

– Bom dia, minha querida – disse a avó Amélia, com uma voz ternurenta.

– Bom dia, avó. O que estavam a conversar? Parece que se calaram quando cheguei, ou percebi mal? – afirmou timidamente Frederica.

– Oh, nada de mais, Frederica – disse a tia Madalena.

Frederica sentou-se à mesa e tomou o pequeno-almoço. Percebeu que a conversa das mulheres não seria continuada enquanto ali estivesse; por isso, assim que terminou a refeição, foi ter com os mais novos ao quarto.

Entrou devagar para não os acordar. Ainda dormiam profundamente. Lourenço, Carlota e Sebastião já tinham acordado. Foi ter com eles.

– Bom dia, miúda, que cara é essa? – perguntou Sebastião.

– Nada, mano – suspirou.

– Se não fosse nada, não estavas com essa cara.

E a conversa ficou por ali. Foram interrompidos pelo primo João e pelos gémeos. Estes levantaram-se alegres como se tinham deitado e, com o mesmo espírito festivo, foram diretos para a cozinha, ainda com os seus lindos pijamas, com motivos de Natal, vestidos.

João deixou passar os primos a correr e, discretamente, parou na sala e contemplou a árvore de Natal. Ora olhava para a estrela, no topo, ora descia o olhar para os embrulhos espalhados pelo chão. Estava ansioso para ver os seus presentes. Este pensamento foi interrompido pela presença dos primos mais velhos que vinham atrás.

Quando chegaram à grande cozinha, estava vazia. Isso não os incomodou. Começaram de imediato a comer. O que estava sobre a mesa era demasiado apetitoso e, esquecendo a “etiqueta de boas maneiras”, tomaram o pequeno-almoço a correr sem esperarem pelos patriarcas da família. A pressa era muita!

Satisfeitos, saíram ágeis em direção à sala. Sentaram-se todos no chão formando um círculo à volta da árvore de Natal. Tinham um olhar misterioso: “O que será o meu presente?” – pensava o João; “O meu presente deve ser aquele embrulho grande!” – balbuciava Carminho, de mão dada a Henrique; “Quando é que podemos abrir os presentes?” – perguntou o Henrique baixinho.

Noc, noc, noc.... Saltaram todos com o susto; estavam a bater à porta.

– Quem será?

Todos se viraram para a porta. Eram os pais e os tios. Vinham todos animados.

– Que sorriso é esse, pai? – perguntou a Frederica.

– Já pedi o meu desejo, minha querida. Nem imaginas – disse Pedro, muito contente.

– Então, pai, e o que foi que aconteceu? – questionaram os gémeos em coro.

– Pedi um Tesla, último modelo: Model X! – respondeu o Pedro.

A curiosidade dos filhos foi satisfeita. A surpresa era grande e a alegria ainda maior.

– Podemos fazer muitas viagens em família, tendo consciência da nossa pegada ecológica. Faremos mais poupança e menos poluição. O que acham? – retorquiu Pedro, bem-humorado.

Viu-se uma cara de desilusão nas crianças. Nem sabiam bem o que pensar sobre o assunto.

Todos olharam para o Henrique que parecia querer dizer qualquer coisa. – E eu quero um *hoverboard*! – disse com grande convicção.

Entreolharam-se todos os que estavam na sala. Desejos de pares, mas desejos, são desejos. Sonhar e desejar, é permitido.

E assim num piscar de olhos, dois desejos tinham sido pedidos. Iriam ser satisfeitos? Ficavam na mesma casa. Assim, Pedro e Henrique, pai e filho, satisfizeram um desejo que, de outra maneira, não seria possível. Agora todos sabiam dos seus segredos! Iriam ser premiadas as suas vontades?

Incrédulos, imersos nos seus pensamentos e fantasias natalícias, veem um *flash* de luz a entrar pela janela e à frente do pequeno Henrique surgiu o *hoverboard* dos seus sonhos. Parecia um milagre! Como é que isto aconteceu?!



Capítulo VI



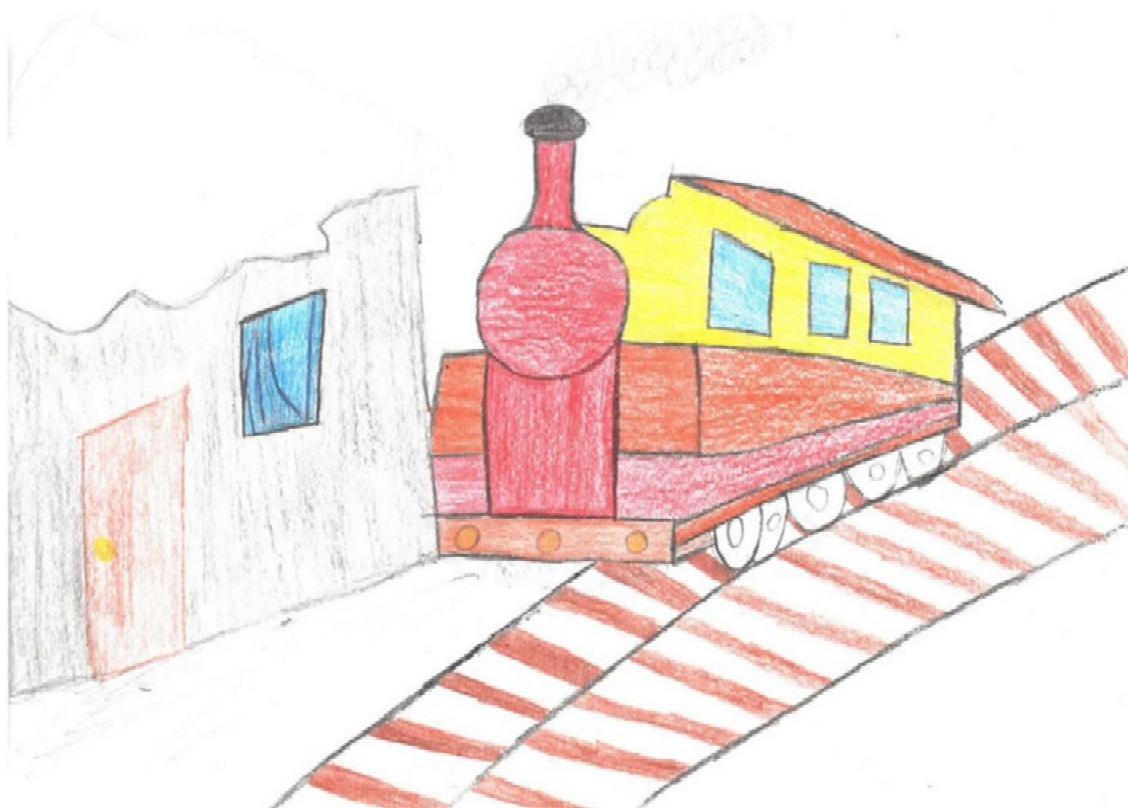
Era o espanto plasmado no rosto de todos os que assistiram a este fenómeno espetacular.

Toda a família ficou feliz com a concretização imediata do desejo de Henrique, mas, ao mesmo tempo, uma sombra de preocupação trespassou-lhes a mente com receio de pedirem um desejo de que mais tarde se viessem a arrepender, de tão estapafúrdio que fosse.

E a manhã daquele dia 25 de dezembro estava a passar de maneira alegre e cheia de surpresas.

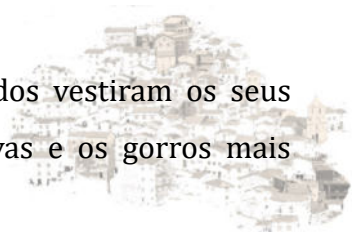
O programa da manhã ainda não tinha terminado. Que mais iria acontecer?

A família tinha combinado que antes do almoço, por volta do meio-dia, iam andar no comboio que existia na aldeia, nesta época festiva. A juntar ao mercado de Natal organizado pela Junta de Freguesia, também o comboio de Natal era a atração da criançada e dos adultos. Todos gostavam de ver a aldeia na perspetiva de uma viagem vagarosa, alegre e familiar. As crianças ficaram muito entusiasmadas com a ideia, e por instantes esqueceram-se dos seus desejos.



A casa da família Albuquerque ficava muito perto do centro da aldeia; por isso foram a pé até ao local onde se iniciava a viagem de comboio, aproveitando o sol

quentinho que se fazia sentir naquela manhã de Natal. Todos vestiram os seus melhores agasalhos, acrescentando como apetrechos as luvas e os gorros mais quentes que tinham no armário.



As três irmãs, Madalena, Luísa e Margarida, estavam orgulhosas da Junta de Freguesia de Piódão, que organizava sempre eventos muito interessantes nas alturas festivas. Comentavam entre si que a aldeia estava muito bonita, cheia de luzes e enfeites natalícios. Os sete primos, inseparáveis, iam juntos, todos animados e cheios de ideias para um dia divertido e inesquecível. Estavam até a combinar fazer uma partida ao tio Duarte, colocando pasta de dentes no seu champô, não fosse Frederica lembrar que não estavam no Carnaval e que não era, por isso, momento de pregar partidas, mas sim de pensar em ações solidárias. Conseguiu, a custo, demovê-los da brincadeira.

Os restantes membros da família iam nostálgicos, pois todos os anos faziam esta viagem de comboio e estavam contentes por este passeio já ser uma tradição anual de família.

Ao chegar ao local, entraram no comboio. A viagem estava a ser bastante engraçada, tanto para as crianças como para os adultos. Os gémeos, estavam contentes com as suas mochilas novas que a avó Júlia lhes oferecera. As mochilas estavam cheias de cadernos e borrachas bem cheirosas que os mantiveram ocupados durante a viagem. Eram desafiados a desenhar o que iam vendo pela janela. O comboio percorreu a aldeia que se encontrava particularmente bela e enfeitada. Ouvia-se música nas ruas e as pessoas acenavam com um sorriso contagiante.

– Que bom é o Natal para podermos estar em família! Já pensaste que há pessoas que não têm o afeto nem o carinho de ninguém? Nem mesmo o que comer? – disse Frederica, virando-se para o primo João, que estava sentado ao seu lado no comboio.

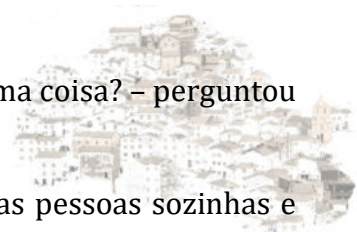
João ouviu e ficou pensativo, observando, pelo caminho, os sem-abrigo. Pensava na sorte que era ter uma família e poder estar a desfrutar daquele momento.

A viagem de comboio terminou com grande animação, mas João continuava bastante apreensivo. A avó Amélia observava-o e estranhava o comportamento daquele neto, sempre tão preocupado consigo e com as suas coisas.

– Meu querido, pareces tão preocupado. Passa-se alguma coisa? – perguntou a avó Amélia.

– Avó, durante esta viagem percebi que existem muitas pessoas sozinhas e sem nada para comer. Fez-me repensar no meu desejo...O desejo que vou pedir vai ser para os outros e não para mim – afirmou João.

A avó sorriu emocionada, o milagre dos desejos estava mesmo a acontecer. No seu pensamento, seria aquela carta-mistério, um presente enviado pelo avô António?



Capítulo VII



João sabia que ainda era uma criança, mas sentia-se muito feliz pelas conversas que a prima e a avó tinham tido com ele. Afinal ele era importante. A certa altura, deu consigo a pensar: “Será que o meu desejo de Natal não é muito egoísta? Não quero ser como o meu primo Henrique, que pediu o *hoverboard* para ele. Espero que, pelo menos, me deixe também usá-lo!...”.

Nesse momento, João decidiu que iria ajudar pessoas que estavam sozinhas e sem nada para comer, “pessoas vulneráveis”, como dizem os crescidos.

Entretanto a avó Amélia, imersa nos seus pensamentos e sonhos tinha a certeza de que aquela carta de Natal, aquela coisa tão bonita que lhes aconteceu, era o presente enviado pelo avô António. Lá longe, ele continuava a desejar que o bem reinasse no coração daqueles que tanto amava.

Alheios ao que se passava na mente e no coração de Amélia, todos queriam aproveitar o dia da melhor maneira possível. Os embrulhos da árvore de Natal já tinham sido distribuídos. O Natal era agora mais familiar, menos objetos...

De repente, enquanto caminhavam pelas ruas de Piódão, agora a pé, o tio Duarte deitou a mão sem luva ao bolso do casaco e encontrou um folheto. Olhou e leu rapidamente a mensagem.

– Malta, venham cá. Há dias, por coincidência, entregaram-me este folheto com uma atividade muito gira para se fazer em família. Lembras-te, Afonso? Íamos buscar os miúdos ao *Taekwondo*. O jogo chama-se “O Tesouro de Piódão”, é um *peddy-paper* que vai acontecer aqui e agora. Bora lá? Deixem-me ler melhor: dia 25 de dezembro, hoje, às 15:00 horas, no largo da igreja. Vamos? – perguntou empolgado.

O folheto parecia uma carta antiga, do tempo dos nossos avós. Na primeira folha estava identificado o nome da aldeia, “PIÓDÃO”, o dia e a hora do evento e uma imagem que ilustrava o percurso.

Na segunda folha, estava escrito o local de encontro, explicando aos participantes que teriam de organizar-se em grupos e que a comissão organizadora iria entregar identificadores: o primeiro grupo teria crachás; o segundo, coletes de cor verde; o terceiro pulseiras encarnadas; e os restantes grupos, outros marcadores, para que cada um fosse distinto e facilmente identificável.

Na terceira folha, estavam explicadas a dinâmica do jogo e as três pistas que o compunham: quando chegassem a uma pista, tinham um desafio, normalmente uma pergunta para responderem e, a seguir, avançavam para a pista seguinte. Em cada posto estariam pessoas da organização para atestarem que as equipas tinham acertado a pergunta e estavam aptas para passarem à pista seguinte e assim sucessivamente até chegarem ao posto final e resolverem o enigma. Caso acertassem, receberiam uma chave que abriria o tesouro.



Lourenço ouviu o pai e ficou entusiasmado. Ele era um rapaz muito bonito, assim achavam a irmã e a prima Frederica. Tinha os olhos azuis da cor do mar, cabelo encaracolado, era meigo e muito brincalhão. Quando se entusiasmava, tinha a capacidade de contagiar todos. A irmã e os primos dificilmente lhe resistiam. Estar com ele era motivo de festa. Carlota tinha menos dois anos do que Lourenço, mas eram cúmplices em quase tudo.

Ficaram fascinados com a notícia e alinharam rapidamente no desafio que o pai e o tio Duarte lhes lançava. Perceberam que deveriam estar a participar muitas outras pessoas da aldeia além deles e tinham que se organizar rapidamente. O tio Afonso, especialista em logística, foi peça fundamental neste momento.

E começou a dar ordens assertivas:

– Vamos criar grupos, dois com cinco elementos e um com seis elementos. No primeiro grupo fica a Madalena, a Luísa, o avô Egas, o Sebastião e a Carlota, que é a chefe.

No segundo grupo ficamos o Duarte, eu, a avó Amélia, a Margarida e a Frederica, que vai ser a chefe.

No terceiro grupo fica o João, o Pedro, a avó Júlia, o Henrique, a Carminho e o Lourenço, que também é o chefe. Vamos todos para o centro da praça, de onde é dada a partida para o início do jogo. Corram!

Quando chegaram ao largo da igreja, já lá estavam muitas outras pessoas. Dirigiram-se à comissão organizadora que entregava coletes, pulseiras e distribuía crachás pelos participantes dos diferentes grupos. A família Albuquerque estava eufórica com tudo o que estava a acontecer naquela praça. Era sempre assim em atividades deste tipo, porque todos eram saudavelmente competitivos e se divertiam muito quando entravam em competições, nem que fosse jogar a feijões. Gostavam de ganhar, mas também tinham *fairplay*, pelo menos faziam por isso, respeitando os que perdiam...

Partida, largada, fugida. Foi dado o sinal e cada equipa seguiu o percurso traçado no folheto que lhes foi distribuído. As pistas estavam escondidas pelo bosque. E a aventura começou. Consultaram o folheto:

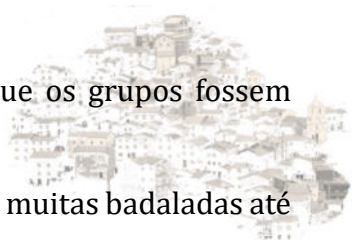
“Desafio 1: Têm de responder à seguinte questão: Sou alta, mas não sou um telhado. Muitas crianças gostam de mim, tenho luzes brilhantes e cor verde. Quem sou eu?” Responderam rapidamente. Era fácil este primeiro desafio.

Para passarem à próxima pista, teriam de encontrar a resposta ao desafio 1, ou seja, tinham de encontrar um pinheiro. Lá estaria o desafio 2. Assim aconteceu: grupo após grupo, foram fazendo o percurso.

“Desafio 2: Sou amarela, apareço em conjunto no céu para iluminar a noite. Quem sou eu?” Desafio superado: “lua” era a resposta. Teriam de cantar a música do André Sardet “Gosto de ti até à lua” para continuarem em jogo? Não. Afinal só tinham de identificar uma constelação.

O jogo estava quase a terminar! Faltava o último desafio. Acertariam, com certeza. As perguntas eram acessíveis. E, descobriram ao longo do jogo, que o tio Afonso tinha sabido dividi-los muito bem, pois todas as equipas tinham elementos

diferenciados, bons em coisas diferentes, o que fazia com que os grupos fossem muito completos. Grande tio Afonso!



“Desafio 3: Estou na torre da igreja, sempre a tocar. Dou muitas badaladas até me cansar. Quem sou eu?” Esta foi a uma pergunta fácil para os avós.

O grupo da Carlota parecia estar à frente e só faltava a última etapa. Ali receberiam a chave que abriria o tesouro, mas, claro, teriam de desvendar um enigma.

Ali estava ele. Descubram a palavra, acrescentando as letras que faltam.

T _ E _ Ó

– Tem a ver com o Natal, não deve ser muito difícil descobrir a palavra – disse Sebastião muito animado.

– Começa com a letra T, o que será? – perguntou Madalena.

– Já sei! É onde o Pai Natal costuma estar sentado. Deve ser a palavra TRENÓ! – disse Carlota. Acertaram.

Receberam a chave, abriram o tesouro e a surpresa eram doces de Natal dentro de caixinhas, com diferentes formas e sabores. Iriam partilhá-los com toda a família.

O jogo chegou ao fim. A tarde tinha sido muito divertida.

Antes de iniciarem o jogo, tinham combinado que o chefe do grupo vencedor seria o próximo a pedir o desejo.

Carlota, chefe do grupo vencedor, tinha agora o privilégio de escolher o seu desejo. Quando se reuniram para conversarem sobre o que tinham feito durante o dia, Carlota resolveu verbalizar o que pensava. Estava contente. Não iria pedir nada de extravagante. Era uma menina simples e tinha no coração apenas a certeza de que a família era a coisa melhor do mundo. Havia algo de que gostava particularmente porque era doce e ao mesmo tempo permitia treinar a resiliência. Com esse pensamento, disse: “Sabem o que eu quero receber? Um calendário do advento, mas com 365 janelas, uma para cada dia do ano.” Assim, em cada dia, tinha de dar um chocolate a uma pessoa diferente da família. Isso iria obrigá-la a descobrir novos membros da família, podia ser família de sangue ou de coração. Até poderiam ser membros de quatro patas. Este era o desafio da Carlota. Estava contente com o seu desejo. E isso deixava-a de coração cheio.

Capítulo VIII



Já estavam todos reunidos no quintal de casa e empanturrados com os doces da caça ao tesouro, quando começam a cair pequenos flocos de neve.

Henrique, com os olhos a brilhar, olhou para Carminho, a sua alma gêmea, e sentiu que ela entendeu o seu desejo do momento. Ela tinha o rosto coberto de chocolate, mas, mesmo assim, entre lambidelas e limpeza com um guardanapo que a mãe lhe estendia, retribuiu-lhe um sorriso malandro e infantil.

– O que acham de fazermos uma família de bonecos de neve? – sugeriu timidamente Henrique.

– Sim!!!! – respondeu veementemente Carminho.

– Adorei a ideia, vamos a isso! – disse Frederica.

Entusiasmados, levantaram-se da mesa e correram para o quintal. Sebastião começou a cantarolar uma música alusiva à época festiva. Cantava-a sempre que estava particularmente feliz. Não era uma música qualquer, tinha a particularidade de ter sido escrita pelo avô Egas. Gostava muito do avô Egas e da sua veia poética. Tinha-o ajudado muito na disciplina de Português. O avô lia muitos livros e dizia que gostava especialmente de poesia. Havia sempre algum livro de poemas de Sophia de Mello Breyner na mesa de cabeceira do avô. Talvez por isso ele fizesse poemas com tanta facilidade: tinha uma boa mestra! A piada é que ele gostava de os musicar. Cantarolava uma melodia conhecida e enfiava as palavras metricamente corretas na música, criando canções únicas, divertidas e fáceis de memorizar. Isso era muito giro de se ver, quando, nos serões em família, dávamos por nós a cantarolar o “Malhão, malhão” com poemas do avô Egas. Eram momentos hilariantes, porque todos achavam as palavras muito cómicas. O avô Egas era mesmo muito divertido.

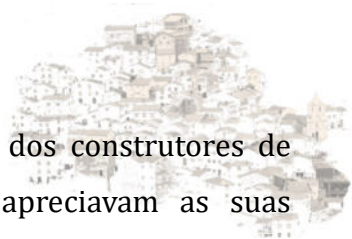
No alpendre, continuavam sentados à conversa, os tios Duarte e Afonso. Divertiam-se a ver os filhos a brincarem juntos e, ao verem a felicidade das crianças, decidiram captar o momento através da câmara dos seus telemóveis. Agora era fácil tirar uma fotografia para registar momentos únicos.

– Estão incríveis... os bonecos de neve estão mesmo parecidos connosco! – disse Frederica, rindo a bandeiras despregadas.

– Sim, o meu até tem um chapéu igual ao da Carminho, estamos sempre a combinar – disse Henrique todo contente.

– Bem-visto – opinou Frederica, rindo.

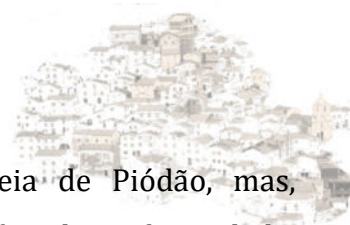
A brincadeira esfriou assim como as mãos e os pés dos construtores de bonecos de neve. Foram para o alpendre e, sentados, apreciavam as suas construções.



Lourenço, a certa altura, comentou com o seu primo mais velho que hoje naquele dia tinha percebido o quanto se sentia feliz e realizado pela família que tinha, avaliando todos os momentos incríveis que estava a passar com os primos, irmãos, tios e avós. O seu desejo tinha de fazer outros felizes, senão seria muito egoísta.



Capítulo IX

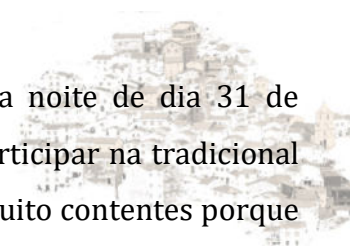


A euforia do Natal continuava a contagiar a aldeia de Piódão, mas, inevitavelmente, a família começava a preparar-se para o fim desta festividade. Tinham sido dias inesquecíveis, poucos, mas maravilhosos.

Os desejos de Natal, que outrora ocupavam um lugar importante na mente de toda a família, pareciam ter deslizado para segundo plano com a chegada do Ano Novo.

Na passagem de ano, no largo principal da aldeia, era tradição os habitantes organizarem uma fogueira, ao redor da qual as pessoas se juntavam para partilhar histórias e relembrar os momentos especiais do ano que passara. À meia-noite, as ruas de Piódão, normalmente silenciosas, ganhavam vida com risos e saudações enquanto os residentes se reuniam para celebrar. Os sinos da pequena igreja tocavam, marcando o início do novo ano e o céu escuro iluminava-se com fogo de artifício. Estavam todos ansiosos por viver mais uma vez esses costumes da aldeia.





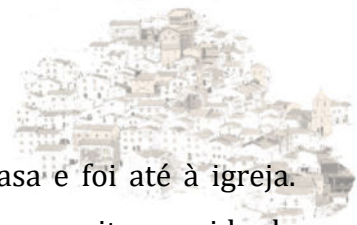
A família, reunida na sala, discutia os planos para a noite de dia 31 de dezembro. Frederica estava entusiasmada com a ideia de participar na tradicional fogueira, no largo principal. Henrique e Carminho estavam muito contentes porque sabiam que iam encontrar os seus amigos da casa n.º 38, que só apareciam na passagem do ano. Os primos, Carlota e Lourenço, mal podiam esperar para ver a aldeia iluminada pelo fogo de artifício. Sebastião, por sua vez, era o único membro da família que se mostrava descontente com todos aqueles planos.

– Todos os anos fazemos a mesma coisa. A fogueira, os fogos de artifício, é sempre tudo igual! Não acham que podemos fazer algo diferente este ano? Algo que nos surpreenda, que fuja à rotina? – exclamou, questionando os que estavam presentes naquela sala.

Os olhares curiosos da família fixaram-se em Sebastião, aguardando as suas sugestões.

– Então, o que é que sugeres? – perguntou Pedro sempre disposto a abraçar as novas aventuras do filho.

Capítulo X



Sebastião, sem responder, vestiu o casaco, saiu de casa e foi até à igreja. Precisava de falar com o padre Agostinho. Ele era uma pessoa muito querida da aldeia. Era um homem fiável e de muito bom senso. Sebastião tinha ouvido falar sempre muito bem dele. Admirava-o.

Chegou e, perante o espanto do padre, contou-lhe a sua ideia. Agostinho ficou sensibilizado com a atitude do jovem. Num ápice, de papel e caneta na mão, delinearam uma estratégia. Ali mesmo, começaram a pôr em prática a sua excelente ideia.

Quando regressou a casa, Sebastião, continuou sem partilhar nada. Todos perguntaram onde tinha ido, mas este recusou-se a contar o que tinha feito.

No dia 30 de dezembro, por volta das 09:30, toda a população se encontrava no largo da igreja, sem saberem o porquê. Tinham lido a convocatória na qual o padre lhes pedia para comparecerem naquele local, àquela hora. Estavam curiosos e perguntavam-se sobre o que iria acontecer. Será que o padre vai para outra paróquia? – perguntavam alguns. Será que vamos ter um padre novo? – pensavam outros. A situação era peculiar. Nunca tinham sido convocados sem razão aparente. O que estaria a acontecer?

Passados alguns minutos, chegou o padre Agostinho. A população começou a bater palmas. O padre agradeceu e pediu silêncio. Após longos minutos de impaciência e *suspense*, Agostinho chamou um jovem para o seu lado. Ouviu-se um burburinho. Quem era? A família Albuquerque ficou estarecida sem saber o que se estava a passar ali. O resto da população continuava inquieta, curiosa, desejando que o padre dissesse rapidamente o que se estava a passar.

O padre Agostinho começou por dizer que quem iria falar seria o Sebastião e não ele. O rapaz ficou tão admirado com esta atitude, que quase não conseguiu verbalizar nada, pois tinha medo da reação da população. Porém, sabia que tinha o apoio do Sr. Padre e da família, mesmo que nesse preciso momento ainda ninguém soubesse exatamente o que iria acontecer nem qual o assunto que ali os reunia.

Sebastião começou por dizer que estava triste pelo facto de a passagem de ano “ser sempre a mesma coisa!”. Alguns riram outros bateram palmas. Mas

Sebastião continuou dizendo que tinha tido uma ideia para tornar a passagem do ano em Piódão única e inesquecível.

– Se a população toda se unir e cada um doar alguma coisa de seu a quem nada tem, podemos fazer a diferença na vida de algumas pessoas da aldeia. O que acham? – disse na voz mais clara e audível que conseguiu.

O silêncio foi ensurdecedor. Não era possível. Como poderiam fazer tal coisa? Sebastião interpretou a mensagem que as pessoas lhe transmitiam com o olhar. Pareciam incrédulas.

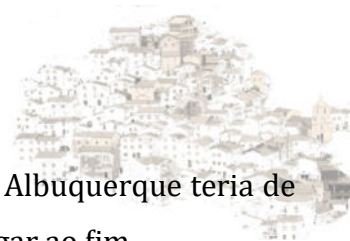
– Recolhidos todas os donativos aqui na paróquia, vamos chamar os mais desfavorecidos desta aldeia, doar-lhes o que angariámos e, depois, convidamo-los para virem passar o fim de ano connosco. Eles não têm família. As suas casas nada têm de aconchegante e as crianças andam tristes e sem amigos – acrescentou Sebastião emocionado.

As pessoas ficaram de boca aberta. Nunca tinham pensado nessa ideia. Toda a aldeia se uniu ao jovem Sebastião, colaborando para concretizar o seu desejo: fazer os outros mais felizes.

– Fiquei muito orgulhosa de ti. O teu gesto é muito bonito – disse-lhe a avó Júlia no fim.



Capítulo XI



Após uma passagem de ano fora do habitual, a família Albuquerque teria de voltar à vida normal. A época de festa e de magia estava a chegar ao fim.

A Margarida, caracterizada por ser muito despachada e metódica, já estava a arrumar as decorações de Natal, mesmo antes do dia de Reis...

Enquanto desmontava a árvore e guardava tudo com o maior dos cuidados para que nada se estragasse, pois tinha muita estima por todos aqueles enfeites que resistiam ao passar dos anos, pegou nos pés da árvore para os guardar dentro da caixa e viu a carta-mistério no chão. Na euforia de todos os acontecimentos, esqueceram-se da carta. Quando a abriu, apercebeu-se de que o texto escrito parecia estar a desaparecer, e isso preocupou-a muito. Fez com que pensasse que o tempo para a concretização dos desejos estava contado. Não havia tempo a perder. O importante era fazer alguma coisa para que a família se tornasse ainda mais feliz. Preocupada com o possível desperdício desta oportunidade, ligou para todos, para que não se esquecessem de pedir os seus desejos.

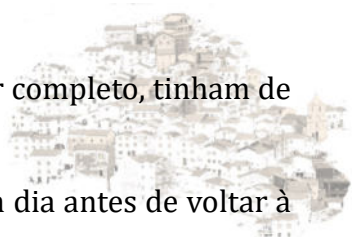
Os gémeos, que sempre foram os mais reguilas da família, intitulados de “matraquilhos” por todos, pelo seu ar pequenino, extrovertido e sempre sorridente, quando souberam desta notícia olharam um para o outro e através do seu poder telepático, chegaram à conclusão de que queriam realizar os seus desejos juntos, porque, no fundo, não se imaginavam um sem o outro.

Para além da sua aparência física idêntica, ambos pequeninos, magrinhos e de cabelo loiro e liso, os seus traços psicológicos eram praticamente iguais, fenómeno da natureza que os tornava especiais e queridos de todos.

Henrique e Carminho estavam sempre prontos para o disparate, mas desta vez queriam fazer algo diferente, algo que marcasse as suas vidas e a da sua avó Amélia, que, sem nunca dizer nada, lhes fazia sentir que eram os seus netos preferidos.

O estado tristonho da avó, devido à saudade que sentia do avô António, começava a preocupar os gémeos. Por isso o objetivo deles era mostrar-lhe que a vida continuava a ter brilho, um brilho diferente, mas bom. Só teríamos de conseguir ver as coisas pelo lado certo. Apesar de serem os mais pequeninos, tinham uma grande capacidade de reflexão e eram muito mais atentos do que aparentavam.

O tempo era pouco e, antes que a carta se apagasse por completo, tinham de escolher um desejo bom e eficaz para a avó.



Estavam no penúltimo dia de férias, logo só tinham um dia antes de voltar à rotina da escola e das atividades extracurriculares, que tanto os ocupava, para fazerem algo especial. Se estudar, para os nossos gémeos, era um sacrifício, os treinos de futebol era a atividade de que mais gostavam.

– Podemos juntar os nossos dois desejos num só. Lembras-te de a avó nos contar que o avô tinha ido para o céu? – disse Carminho sentindo a genialidade da sua ideia.

– Sim – respondeu o Henrique, com um ar entediado.

– O que achas de fazermos uma visita ao avô de helicóptero? – perguntou a Carminho cada vez mais entusiasmada.



– A avó tem medo de alturas, lembras-te? – respondeu Henrique a rir-se.

– Mas acho que para poder ir visitar o avô, a avó não tem medo de nada! – respondeu Carminho com rapidez.

Ambos concordaram com esta ideia. Agora só lhes faltava arranjar uma forma gira de fazer a surpresa à avó, mas para isso precisavam da ajuda da sua mãe.

Margarida, filha da avó Amélia, era uma advogada muito prestigiada, sempre muito ocupada entre tribunais e escritório, o que não lhe permitia muito tempo livre. Andava sempre a correr de um lado para o outro. Por isso, os disparates dos gémeos nem sempre eram uma prioridade. Como Carminho e Henrique sabiam disso, decidiram usar o outro desejo com a mãe, dando-lhe um dia de férias, para que pudesse parar e ter disponibilidade e ouvidos para o que lhe queriam pedir. Eufóricos, foram ter com ela. Ouviu-os com toda a atenção e comoveu-se com aqueles “matraquilhos” que tanto trabalho lhe davam! Disponibilizou-se para ajudar a concretizar aquela ideia, agradecendo-lhes muito pela partilha e por permitirem que ela fizesse parte desse plano tão meiguinho e carinhoso.

Carminho e Henrique, entusiasmados, cortaram rapidamente com o ataque de lamechices da mãe.

– A ideia era.... – começaram os dois ao mesmo tempo.

Capítulo XII



– A ideia era levar a avó a viajar de helicóptero para que ela se pudesse sentir mais feliz e voltasse a sorrir novamente! – disseram os gémeos.

– Acho uma ótima ideia, meus queridos! Agora que já está tudo arrumado e que a casa já está limpa, vou fazer de tudo para vos ajudar – respondeu Margarida, sorrindo, com voz afetuosa e ternurenta.

E assim foi. A mãe usou o seu desejo, e quando deram por si, Henrique e Carminho estavam num helicóptero com a avó Amélia a voar bem lá no alto, perto das nuvens e, principalmente, perto do avô António.

Os gémeos olhavam um para o outro cheios de entusiasmo e felicidade, pois andar de helicóptero estava a ser uma experiência incrível e única!

– Avó, estás bem? Estás a gostar de andar de helicóptero? – perguntaram os gémeos, quase em coro, ansiosos para ouvir a resposta da avó Amélia.

Ao fazerem a pergunta, os gémeos viram os olhos da avó ficarem brilhantes, mas não eram lágrimas de tristeza; bem pelo contrário, eram lágrimas de felicidade e saudade, um misto de emoções.

– Meus queridos netos, neste momento não podia estar mais feliz. Estou novamente perto do avô e nunca pensei estar tão emocionada aqui em cima!

– Avó, temos uma coisa para te contar...

Carminho e Henrique começaram a relembrar a história que o avô António contava sobre os desejos e como estes funcionavam. Disseram ainda que a mãe usou o seu desejo para os ajudar a preparar esta pequena, mas querida e inesquecível surpresa.

– Meus reguilas, então foram vocês que prepararam isto tudo? Foi tudo ideia vossa?

– Fomos sim, avó, mas com ajuda da mãe...

– Afinal, o avô tinha razão, os sonhos e desejos podem realizar-se! Estou tão orgulhosa de vocês e sei que o avô também está!

Os gémeos e a avó sorriram e aproveitaram a restante viagem para falar sobre o avô António e sobre os outros desejos da família.

Ao regressar a casa, viram que a mãe tinha um lanchinho pronto para comerem juntos. Na sala estava a grande mesa de jantar, que Margarida tinha

preparado com muito amor e carinho, colocando uma toalha grande, lisa e vermelha, feita de um tecido fofinho. No lugar onde cada um se sentaria, estava um marcador branco. No centro da mesa estava uma decoração que tinha sido feita pela Carminho e pelo Henrique na escola para oferecer aos avós.

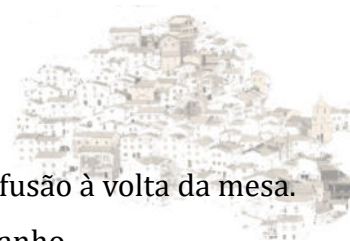
O lanche que Margarida tinha preparado, era muito generoso na quantidade e no sabor. Na mesa havia bolachas de gengibre em forma de coração, biscoitos de canela, que eram os favoritos do Henrique, *scones* recheados com doce de morango que, por sua vez, eram os favoritos da Carminho, e, claro, não podia faltar o doce favorito da avó Amélia, o doce que Margarida passou a última semana a aprender a fazer para poder surpreender a mãe: “farinha torrada”! Havia ainda outros docinhos deliciosos e muita comida, pois os gémeos, Margarida e Amélia não eram os únicos à mesa. Aos poucos, foram chegando um a um, aos pares e aos trios, os restantes membros da família para se juntarem a este pequeno convívio.

Obviamente que o tema da conversa deste lanche em família, no dia de Reis, 6 de janeiro, foi os desejos e de como eles se estavam a realizar, fazendo referência também à experiência incrível que a avó e os gémeos tinham vivido juntos.

– Neste caso, se os desejos que vocês pediram já se realizaram. Qual será o próximo desejo a concretizar-se? – perguntou, de rompante, o pequeno João.



Capítulo XIII



Esta questão colocada pelo primo João gerou alguma confusão à volta da mesa. Frederica, sempre atenta, olhou para Lourenço e achou-o estranho.

– Lourenço, está tudo bem? – perguntou. – Estás com um ar...

E realmente estava. Lourenço estava introspetivo e fascinado pelo que se passava naquela mesa. Apesar de haver sempre muita confusão envolvida, sentia que nestes encontros reinava muito amor, respeito e cordialidade entre todos.

– Sim, Frederica! Acho que acabei de perceber como é que vou usar o meu desejo! – respondeu Lourenço com um ar satisfeito e entusiasmado.

– E então? Como é que vais usar o teu desejo? Queremos muito saber! – perguntaram, curiosos, os gémeos em coro.

– Olhem para o que nós temos. A família, o convívio, o sabermos que nunca estamos sozinhos em momentos difíceis... Nem toda a gente tem isso.

– Sim... E então? Qual é a tua ideia? – perguntou Frederica com grande rapidez e muita curiosidade.

– Então, tinha pensado em usar o meu desejo para conseguir proporcionar estes momentos a todos aqueles que estão sozinhos nos dias especiais do ano. E não só: fazer com que esses dias sejam inesquecíveis para essas pessoas. E até, quem sabe, conseguir que sejamos capazes de manter essa alegria todos os anos!

Toda a família ficou muito sensibilizada com a ideia e, claro, todos quiseram fazer parte deste desejo.

Assim, tudo foi programado ao pormenor com os responsáveis de algumas instituições e, no último domingo de janeiro, tudo aconteceu como planeado e sonhado por Lourenço, com a cumplicidade e apoio dos avós, tios e primos.

A estratégia era dividirem-se para poderem visitar as duas instituições selecionadas. Pensaram que ao longo do ano poderiam visitar esses espaços. Sabiam o quanto estas ações eram importantes e não queriam falhar.

Os gémeos, as avós, o tio Afonso, a tia Luísa e o primo João seguiram todos juntos para a instituição de crianças carenciadas, uma Casa de Acolhimento Temporário que existia na aldeia.

– Família!! Estamo-nos a esquecer de uma coisa! Nós não podemos ir para lá de mãos a abanar... tivemos uma ideia – disseram Henrique e Carminho, eufóricos.

– E que tal, se levássemos a estes meninos algumas bolachas, doces, brinquedos e roupas que já não usamos? – disse Carminho entusiasmada.

A tia Madalena concordou imediatamente com esta belíssima ideia.

Com tempo, selecionou as melhores de todas as coisas que tinham para dar e foi guardando tudo na mala do carro. No dia combinado, seguiram a sua viagem.

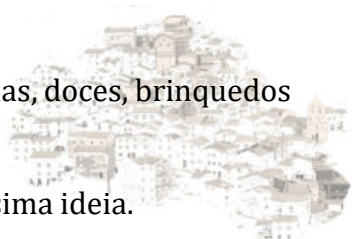
O resto da família, que incluía o tio Duarte, o avô Egas, o Lourenço, a Carlota, o Sebastião e a Frederica, iria ao Lar da aldeia, Casa de Afetos. Sabiam que o mais importante era proporcionar companhia e dar atenção, ouvir. Muitas vezes a única coisa que estas pessoas querem e precisam é que as ouçam.

Todos estavam curiosos e empolgados para verem o que iriam encontrar no Lar dos Afetos.

Tinham pensado em levar vários jogos antigos do avô António, jogos de tabuleiro e muita boa disposição para animar a tarde. A Frederica estava até curiosa para saber que histórias poderiam ter estas pessoas para contar.

No CAT e na Casa dos Afetos, o acolhimento e os momentos vividos foram inesquecíveis. Todos se sentiam melhores pessoas ao fim do dia!

Já em casa, a conversa sobre o que tinham sentido e vivido trouxe algumas surpresas. O que seria?



Capítulo XIV



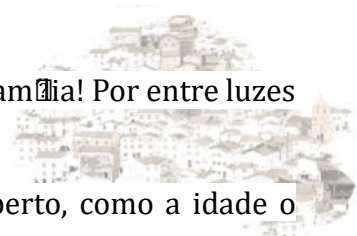
Era domingo. Como sempre, toda a família se reunia na casa de Frederica. Margarida e Pedro faziam questão disso e era sempre uma alegria ver as três gerações juntas discutindo, conversando, divergindo ou concordando em tantos assuntos da vida. Isso fazia crescer os mais novos com valores e modelos familiares, acrescentando anos de vida aos mais velhos que sentiam valer a pena cada segundo daqueles domingos. A avó Júlia e o Avô Egas eram os melhores e mais animados amigos da avó Amélia. Estarem todos juntos, netos e avós, era um acontecimento bonito de mais para se esquecer.

Carlota levantou-se, vestiu-se e foi até à cozinha da tia Margarida. Viu a mesa posta, mas ninguém se encontrava lá. Serviu-se de uma torrada com mel de flores silvestres e decidiu ir caminhar pelo trilho pedestre que acompanhava a ribeira de Piódão. Apesar de algum nevoeiro, a paisagem natural era linda e a Carlota deu por si a pensar nas muitas conversas do dia anterior e em como o tempo para realizar o que queriam, estava a escassear. Olhou à sua volta, viu que estava sozinha e desejou ter uma companhia com ela.

De repente, lembrou-se do seu desejo de infância: ter um cão! Só que não era um qualquer! Ela desejava ter um patudo que, de alguma forma, tivesse sido esquecido pelos humanos, fosse por não ser de raça ou por outro motivo qualquer.



E assim foi! Estava realizado mais um desejo daquela família! Por entre luzes ofuscantes...PLIM!



Apareceu o seu novo amigo! Era sénior, rafeiro e esperto, como a idade o exigia, e tinha pelo branco como a neve. Carlota reparou que ele ladrava muito para um pedregulho que lá estava, mas, com a emoção, ela só o conseguiu agarrar e abraçar!

Depois, foi a correr para casa para mostrar a todos o seu novo amigo, a quem deram o nome de... Montanha.

Ao chegar, abriu a porta e dirigiu-se ao quarto. Estavam todos a jogar ao Monopólio. Contou-lhes o que tinha acontecido. Ficaram muito felizes e desejosos de fazer festinhas ao mais novo membro da família. Porém, Carlota lembrou-se de que o Montanha tinha ficado à porta! Foram todos a correr para lá e ...oh, não! O pequeno Montanha tinha estragado o tapete da entrada!

Naquele momento, a realidade abateu-se sobre a menina: será que a restante família o iria acolher? Porque é que o Montanha ladrava tanto para aquele pedregulho? Mas pior que isso...como iria dizer à dona da casa que o seu tapete favorito, tinha ficado destruído?

Capítulo XV



Carlota estava preocupada com o tapete da tia Margarida e com o que poderia acontecer ao seu cão, o Montanha.

– Aiii... isto não é nada bom. Para além de ter de usar a minha semanada para comprar um tapete novo, quando os meus pais virem o que ele fez, não me vão deixar ficar com o Montanha. Ninguém vai querer o meu cãozinho – dizia Carlota, chorando desesperadamente.

– Calma, mana, não fiques assim.... É só um tapete e além disso ninguém resiste a esta doçura. Vamos falar com os pais e vai ficar tudo bem, vais ver! – tranquilizou-a o Lourenço.

Duarte e Madalena, assistindo à cena, olharam para os filhos, confusos.

– Alguém nos pode explicar o que se passa aqui? De quem é aquele cão que não para de ladrar? O que aconteceu ao tapete da entrada? – questionou Madalena.

– Madalena, tem calma, deixa falar as crianças – disse Duarte num tom apaziguador.

As crianças rapidamente começaram a contar toda a história do Montanha e de como estavam felizes pelo desejo de Carlota. Mostraram preocupação pelo animal, pois este não parava de ladrar na direção de um tal pedregulho. Duarte estava maravilhado com toda a história, mas a mãe de Carlota não parecia agradada com a situação.

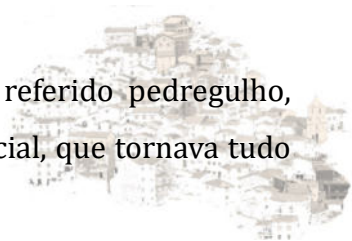
– Mas.... mãe. Por favor, podes dar-lhe uma oportunidade? Se calhar ele já foi abandonado uma vez, não podemos fazer essa maldade a este bichinho lindo – disse Carlota pedindo piedade à mãe. Eu não quero que ele volte a sentir-se sozinho, ele já é velhinho. Vá lá, mãe...

– Fora de questão! E mais me ajudas, vais ganhar afeto pelo animal e depois quando ele for desta para melhor, ficas para a lá chorar durante quinze dias. E nós também. Não! – ripostou a mãe num tom altivo.

Madalena voltou para dentro de casa e Duarte ficou a conversar com os sobrinhos e com os filhos.

– Então meninos, chega de choraminguices! Vamos lá ver o que se passa com aquela pedra. Se o bichano não para de ladrar, vamos ficar todos surdos – afirmou Duarte em tom de brincadeira, para amenizar o ambiente.

E, sem hesitar, levantaram-se e dirigiram-se para o referido pedregulho, mesmo em frente ao alpendre. Debaixo dele estava algo especial, que tornava tudo ainda mais mágico naquele dia.



– Uau! É uma coleira! – exclamou Frederica eufórica.

– Siiim, e tem o nome “Montanha”. Temos mesmo de ficar com ele. Tio, por favor, faça alguma coisa.

O pai, incrédulo com o desfecho da história, resolveu ficar do lado das crianças. Para isso tinham de convencer Madalena a mudar de ideias. Não seria fácil porque havia uma história antiga que piorava as coisas.

Há umas décadas atrás, Madalena tivera um patudo lindo, a quem se tinha afeiçoado muito. Mas ele morreu e ela ficou com o coração partido. Jurou a si mesma que nunca mais teria um cão em casa. Agora, não queria pensar que pudesse passar por tal dor novamente.

– E se...pai...vou dizer uma loucura. E se tu utilizasses o teu desejo para trazer de volta o cão da mãe? – disse Lourenço, pensativo.

– Realmente é uma loucura. Mas já tenho tudo o que quero nesta vida, vocês, a vossa mãe e toda esta família cheia de amor. Porque não?!

– Obrigada, pai, és o melhor do mundo. O Montanha vai ter companhia e a mãe vai explodir de felicidade – gritou Carlota, abraçando-o com todas as suas forças.

Duarte, fechou os olhos e pediu que o seu desejo se concretizasse. Apareceu um clarão ofuscante e, de repente surge o Cacau. Um cachorro de estatura média, raça labrador, de pelo castanho chocolate e cheio de vida. As crianças foram a correr rapidamente chamar a tia Madalena.

Capítulo XVI



Mais uma viagem de helicóptero tinha chegado ao fim. Esta a pedido da avó Amélia. Com os olhos rasos de lágrimas, viu o avô desaparecer. As luzes e as faíscas levavam-no de volta de onde quer que tivesse vindo. No entanto, no lugar da tristeza, a anciã carregava consigo a gratidão por aquele último momento juntos, um passeio que sempre desejara.

Com coração alegre, Amélia retornou a casa. A família ainda celebrava a chegada de Cacau, o fiel companheiro. Ao entrar, todos perceberam algo diferente no seu olhar.

– Avó, o que se passa? – perguntou Lourenço.

Amélia, com uma mistura de alegria e tristeza, mas com tranquilidade, partilhou o incrível acontecimento, o último passeio com o avô. A sala ficou em silêncio, assimilando a emoção do momento.

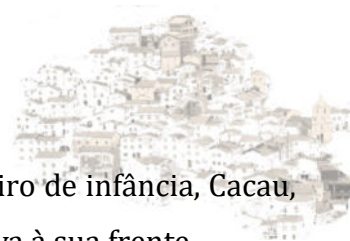
– Amélia, mesmo que o tempo com os que amamos seja breve, esses momentos especiais devem permanecer eternos em nossos corações – disse suavemente Madalena, tocada pela história.

– Família, eu já sei qual vai ser o meu pedido. Desejo que cada amanhecer seja uma oportunidade para construirmos novas lembranças. Que a saudade seja transformada em sorrisos e recordações para vivermos plenamente felizes – acrescentou Madalena comovida, retribuindo um sorriso terno a Amélia.

A sala, agora cheia de alegria, acolheu o novo desejo da tia Madalena. Unidos, decidiram honrar a memória do avô, fazendo do presente um testemunho contínuo de amor e união.

A noite caiu sobre a aldeia, mas a luz das memórias iluminava o lar. A avó Amélia, com um sorriso nos lábios, sentou-se na sua poltrona e pensou sobre o poder dos desejos e a magia dos bons momentos partilhados.

Capítulo XVII



A tia Madalena, ao sair à rua e ao ver o seu companheiro de infância, Cacau, começou a chorar de alegria. Estava incrédula com o que estava à sua frente.

– Como... Como é possível? – questionava-se Madalena enquanto olhava para o marido e para os filhos.

– Muito simples! – respondeu Lourenço – O pai usou o seu desejo para pedir o Cacau de volta.

Muito comovida com o gesto do marido, Madalena acabou por aceitar o Montanha como novo elemento patudo da família e assim fazer companhia a Cacau. Este trazia memórias da felicidade, da diversão e da companhia que sempre fez à sua família.

A avó Amélia, que estava sempre de ouvido à escuta, sorrateiramente voltou para dentro de casa. Ver os outros felizes era motivo suficiente para que ela própria se sentisse feliz.

Ao passar pela sua bela poltrona, decidiu finalmente pensar no desejo que gostaria de pedir. Mas, tristemente, tudo o que se lembrava era das coisas que gostaria de ter feito com o marido.

Passou-se meia hora, passou-se uma hora, até que a avó Amélia se lembrou do passeio anual que costumava fazer com o seu querido António. Todos os anos, por volta do fim do mês de janeiro, os dois faziam o trilho “Piódão – Foz d’Égua – Chãs d’Égua”. Apesar de o caminho ser difícil, longo e exigir bastante dos dois, quando o terminavam, sentiam-se como os jovens que já haviam sido.

Foi então que a avó Amélia se apercebeu de que o desgosto por não terem feito este caminho uma última vez a fazia sentir-se triste.

Decidida, sem avisar ninguém, saiu de casa e, ao seu ritmo já mais demorado, foi para o início desse mesmo trilho, e pediu o seu desejo: um último passeio com o seu marido.

Já em frente à placa que iniciava o longo caminho, a avó sentiu medo, pensou que nunca iria resultar... Contudo, ganhou coragem e pediu.

Parecia magia! Luzes e faíscas apareceram de repente. E num abrir e fechar de olhos, sem dar tempo para compreender o que se passava, o seu querido António

estava à sua frente. Amélia não conseguia acreditar, estava tão incrédula que teve de se beliscar e também de tocar no homem que conhecia tão bem.

– António, és mesmo tu? Terei mesmo conseguido? – perguntava num só folgo.

Mas ele nada disse. Como resposta, começou, tranquilamente, a andar de mãos atrás das costas. Amélia acompanhou-o e foi conversando e contando todas as peripécias que tinham acontecido no passado ano.

A paisagem ia passando: viam os passeios rurais, que tão bem conheciam, caminhos que pareciam florestas verdes e densas, mas também observavam as grandes serras e vales que, apesar de longínquas, pareciam ali tão próximas. Juntamente com as paisagens, as horas também passaram. A conversa, sem nunca quebrar, chegou ao fim. Tinham chegado de novo ao ponto de partida na aldeia de Piódão.

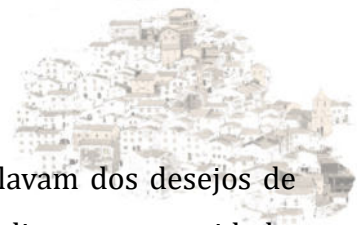
O fim da tarde anunciava-se com um tímido pôr-do-Sol. Amélia tinha de regressar. Estranhamente sentia-se calma, mas sabia que o tempo tinha chegado ao fim. Deu um grande e apertado abraço ao companheiro que tanto tinha amado durante vários anos. Mesmo antes de as luzes e faíscas aparecerem de novo, António disse tranquilamente:

– Estou à tua espera.

– Sempre... – respondeu Amélia de lágrimas nos olhos.



Capítulo XVIII



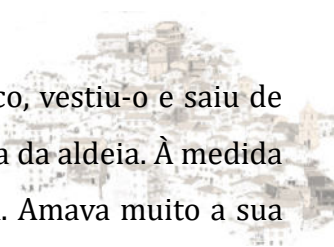
Naquele primeiro domingo de fevereiro, já poucos falavam dos desejos de Natal, mas a magia ainda estava no ar. Ninguém queria desperdiçar a oportunidade, apesar de saberem que o tempo era escasso. Contudo, ainda havia desejos para concretizar. Talvez por isso, naquele domingo, algo de espetacularmente estranho aconteceu.

Eram seis horas da manhã. Luísa acordou com o cantar do galo. Levantou-se e foi para a cozinha. O quarto das visitas era muito acolhedor e confortável, o cheiro a alface entrava pelas frinças da janela e o perfume era espalhado por todo o quarto. Que bom! – pensou. – Em Lisboa acordamos com cheiro a gasolina...

Costumava acordar cedo quando estava em Piódão, em casa da cunhada Margarida. A ideia de os cunhados terem restaurado a antiga casa dos pais do Pedro e isso lhes ter proporcionado um regresso à aldeia, após vários anos a viverem em Lisboa, foi muito boa. Para eles, para as cunhadas e cunhados, com quem têm uma excelente relação, esta mudança afetou positivamente toda a família alargada. Os pais de Pedro também ficaram felizes com o regresso do filho “pródigo” e único. A solidão que sentiam já estava a deteriorar a sua saúde. Além deste benefício, o regresso de Pedro também permitiu um renascimento dos negócios de família que Egas já considerava demasiado pesado e difícil. A pandemia do Covid-19 trouxe muitas coisas más, mas também abriu oportunidades únicas para alterações do estilo de vida, de novas hipóteses de vida, fazendo renascer ideias adormecidas em muitas famílias. Neste caso, até à data, só se registavam benefícios. Os filhos ficaram felizes com a saída de Lisboa. O privilégio de estarem em contacto com a natureza e o facto de a nova casa permitir estadias prolongadas da família, era algo de extraordinário. Era difícil contabilizar os ganhos na relação familiar, na saúde mental dos mais velhos e nas oportunidades de brincadeiras e aprendizagem dos mais novos.

Afonso também se levantou cedo, talvez meia-hora depois da mulher, quando sentiu a ausência de Luísa no quarto. Saiu sem fazer barulho e foi à procura dela com as suas pantufas da *Star Wars*.

Primeiro, passou pela sala, mas ela não estava aí. Depois, foi à cozinha e também não a viu. Começou a olhar à volta. Pela janela, por cima do lava-loiça, viu



numa silhueta lá fora. Curioso, foi ao bengaleiro, tirou o casaco, vestiu-o e saiu de casa. Sentiu o frio da rua, apesar de já se ter habituado ao clima da aldeia. À medida que se aproximava, percebeu que a figura incógnita era Luísa. Amava muito a sua mulher e ela sabia disso. Agora, sem ela ver, conseguiu surpreendê-la, colocando as mãos à volta da sua cintura.

– Credo! Oh, amor, isso não se faz! – exclamou Luísa, que apanhou um grande susto com a brincadeira do marido.

– Ah, Ah, Ah! Desculpa, não resisti. Então, posso saber o que a menina faz aqui a estas horas?

– Desculpa, estava a olhar para aquela casa e...

– Esqueceste-te de beber o chocolate quente que tens na mão.

– Sim, é que... estive toda a noite a pensar nos desejos e como estes podem mudar a vida de uma pessoa e... lembrei-me dela.

– De quem? – perguntou Afonso.

– Da D. Manuela – respondeu Luísa com um ar nostálgico.

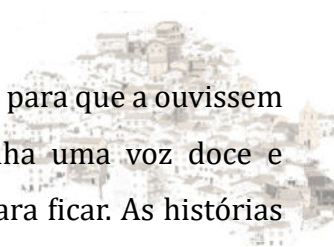
– Quem é a D. Manuela?

Nessa altura que os olhos de Luísa começaram a brilhar como duas pérolas esverdeadas. Ela começou a falar ao marido sobre a misteriosa senhora.

A D. Manuela era uma educadora de infância já com alguma idade, na casa dos sessentas. As pessoas da aldeia admiravam-na muito, pois educou centenas de crianças durante mais de quatro décadas. A família Albuquerque não era exceção: Madalena, Luísa e Margarida tinham sido alunas da D. Manuela. Só que há dois anos tinha havido um grande incêndio naquela zona que destruiu a maior parte do Jardim de Infância, sobrando apenas duas salas minúsculas. Para agravar isto, o incêndio foi tão devastador na altura, que muita gente saiu de Piódão e nunca mais voltou com medo de que outra catástrofe acontecesse.

D. Manuela tinha pedido auxílio à Junta de Freguesia de Piódão. Pretendia reconstruir o Jardim de Infância, mas a resposta que vinha era sempre a mesma: falta de verba. Diziam que a reconstrução era um longo processo e que havia outras prioridades. Enfim...

Apesar disso, a educadora não desistia de influenciar positivamente a vida daquelas crianças. Assim, todas as manhãs estava com elas – eram cerca de trinta – nas salas que restavam. Como se não bastasse, depois do almoço ia visitar as que



faltavam e, aos sábados, os pais levavam os filhos até à sua casa para que a ouvissem contar, de forma fantástica, as mais belas histórias. Ela tinha uma voz doce e extremamente cativante. Até os irmãos mais velhos pediam para ficar. As histórias não eram só para os pequeninos. Umas tinham sereias, outras animais falantes e outras ainda eram sobre piratas assustadores. D. Manuela, compreendendo o desejo daqueles meninos mais velhos, costumava dizer: “Uma boa história não tem idade”.

Com o passar do tempo, as atividades que fazia com as crianças no seu domicílio começaram a tornar-se difíceis para a D. Manuela, pois começava a sentir que perdia a força nas pernas. Para além disso, teve de ser operada a um menisco, devido ao esforço que fazia diariamente a subir e descer as ruas íngremes com a sua mala pesada. Em setembro do ano passado, sofreu uma queda e tiveram de chamar o INEM.

Hoje em dia, ela passa muito tempo em casa. Na mesma, continua a receber crianças que querem estar com ela. Continuam a adorá-la e a falar muito bem dela. Comentam na aldeia que, quando elas se despedem, a D. Manuela fica muito triste.

Madalena calou-se. Queria ver a reação do marido. Ele não conhecia a D. Manuela, não tinha sido aluno dela, por isso, era uma pessoa isenta e podia opinar sinceramente sobre o que estava a ouvir. Afonso ficou espantado com a perseverança daquela mulher. Ao mesmo tempo, tinha pena dela.

– A D. Manuela foi muito importante para mim e para as minhas irmãs e, com certeza, muitas pessoas têm a agradecer-lhe pela sua dedicação. Custa-me vê-la triste e fechada em casa. Antigamente, ela dava aulas a cinquenta alunos por dia e agora dizem-me que ela nem consegue receber dez – acrescentou Luísa.

– Pois... – balbuciou Afonso, à procura de outras palavras para a consolar.

– Mas nós podemos mudar isso! – disse Luísa de forma assertiva e confiante.

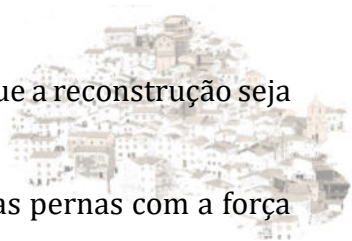
– Podemos?

– Sim! Se a D. Manuela tivesse o Jardim de Infância de volta e recuperasse a força nas pernas, poderia voltar a ser muito feliz, como já foi.

– Que ótima ideia, querida! Ah, mas espera. As obras no Jardim de Infância e o problema de saúde dela, não são dois desejos?

– Sim, vou precisar da tua ajuda. Alinhas?

– Claro, meu amor!



– Obrigada. Sabia que podia contar contigo. Vou pedir que a reconstrução seja à prova de catástrofes, e tu ...

– Eu vou pedir que a educadora Manuela tenha umas pernas com a força das do Cristiano Ronaldo! Siiimm! – completou Afonso, imitando a voz do craque.

– Só espero que resulte!

– Vai resultar, tiveste uma ideia supergenerosa!

De repente, sentiram um nevoeiro misterioso percorrer a aldeia e parar num determinado local. Luísa reconheceu-o e correu até lá. Afonso tentava acompanhá-la, mas com as pantufas da *Star Wars* não era fácil e perdeu-a de vista rapidamente. Luísa ouviu um estrondo e, de repente, o nevoeiro adensou-se. Atravessou uma esquina e quando estava a olhar para a direita, deixou de ver a névoa e ficou de boca aberta. Era um cenário indescritível. Parecia que tinha voltado ao passado quando o Jardim de Infância fora inaugurado. Estava tudo como dantes: os canteiros, as janelas verde-escuras, a flor com o relógio no *hall* de entrada, tudo estava igual.

As pessoas saíam à rua e não conseguiam acreditar no que os seus olhos viam. Do nada, uma grande multidão juntou-se à volta daquele espaço emblemático e no meio de tanto burburinho ouviu-se uma potente voz.

– Chamem a D. Manuela!

Tinham passado cinco minutos apenas e, de repente, olharam e viram uma senhora com uma bata cheia de gravuras de passarinhos azuis a correr a toda a velocidade. Toda a gente a reconheceu. Mas como era possível? Teria tomado a poção mágica do Astérix? De onde vinha aquela forma física?

– Vós estais tão surpreendidos quanto eu! Olhem para estas pernas, pareço um Eusébio! – disse D. Manuela, eufórica.

Os aldeões riram-se com o comentário e queriam abraçá-la. Tinham saudades do seu sentido de humor. No entanto, ela esquivava-se aos abraços.

– Já não me REFORMOOOO! – disse com as mãos no ar à porta de entrada do edifício.

Entre risadas e palmas, o entusiasmo era grande.

– Conta a história do Barba Negra! – gritou Luísa, minutos depois.

D. Manuela respondeu ao pedido da sua ex-aluna. Chamou todas as crianças à frente e contou a história favorita de Luísa.

“Barba Negra era um pirata, mas, como conhecia o mar de uma ponta à outra, os holandeses fizeram um acordo com ele: em troca da sua liberdade, em cada Lua cheia, o Barba Negra teria de fazer um mapa de todas as terras novas que encontrara até então e franqueá-lo à Companhia das Índias Ocidentais. O pirata veterano aceitou o acordo, mas não tinha intenção de desvendar tudo aos europeus. Em vez disso, omitiria algumas ilhas onde tinha armazenado as suas maiores riquezas e, no seu leito de morte, ofereceu as coordenadas aos seus filhos, cujos nomes foram dados às ilhas: Antígua, Cristóvão, Domínica e Lúcia.”

No final, as crianças não pararam de fazer perguntas sobre o Barba Negra e Luísa não conseguiu conter as lágrimas. Foi o dia mais especial vivido em Piódão.



Capítulo XIX



Aquele dia de visita à Casa dos Afetos tinha preenchido o coração dos miúdos e dos graúdos. Os avós Júlia e Egas, em segredo, tinham pedido o seu desejo. Mais tarde falaram dele ao filho. Na verdade, o que eles mais desejavam era poder acabar os dias de vida na sua casa. Aquele Lar era um lugar de muito amor e afeto, mas não seria seu desejo irem para lá. Acreditavam que muitos também pensavam assim, mas a vida prega partidas...

Tinham sido muito bem-recebidos por toda a gente do Lar. Entre danças, jogos e muitas conversas, o dia passou quase sem darem por isso. Sebastião esteve horas a falar com o senhor Matias.

– Sebastião, senhor Matias, peço desculpa por interromper, mas infelizmente está a ficar tarde... – interrompeu Frederica que reparou na conversa animada entre o irmão e aquele simpático homem.

– Frederica, espera! Nem vais acreditar no que o senhor Matias me acabou de contar! – disse Sebastião entusiasmado.

– E então, senhor Matias? Posso saber esse grande segredo que acaba de contar ao meu irmão?

O senhor Matias era um homem que já tinha vivido muito e da melhor maneira possível. Era uma pessoa feliz, bem-disposta, um ótimo contador de histórias. Quem se sentava ao lado dele, ficava horas a ouvir as peripécias da sua juventude e não se cansava!

O senhor Matias, por uma razão quase inexplicável, criou uma forte ligação com Sebastião.

– Sebastião, disse Matias, posso confiar na tua irmã, não é? – perguntou, olhando com um sorriso para Frederica. – Eu e a minha família guardámos este segredo durante muitos anos.

Além de Frederica, todos queriam ouvir. Juntaram-se à volta da cadeira de rodas onde o Sr. Matias se sentava e, em cadeiras ou no chão puseram os ouvidos à escuta. A confissão que ninguém esperava, chegou pela voz doce daquele homem.

– Sabem, quando eu era criança, a árvore dos desejos, ou melhor, a carta mistério que estava debaixo da vossa árvore, também esteve em minha casa. Sei que ela, antes

de chegar a vossa casa, não tinha estado em mais nenhuma família. Fomos nós e vocês. Só.



A sala ficou em silêncio. Todos os olhos se cravaram nos do senhor Matias.

– Um segredo relacionado com a árvore dos desejos? O que é? – perguntou Frederica.

– Há muitos anos – começou por dizer o senhor Matias com um sorriso nostálgico – quando eu era um rapazinho, a árvore dos desejos visitou a casa da minha família. Foi uma época difícil, a Segunda Grande Guerra estava a acabar com o mundo. Naquele Natal, tínhamos muito pouco para celebrar. Mas, numa noite especial, a árvore dos desejos apareceu na nossa sala, trazendo consigo a magia da esperança.

Continuou a relatar como cada membro de sua família tinha pedido os desejos e, para surpresa deles, como todos esses desejos se tinham realizado durante o ano seguinte. Esta incrível história estava guardada há quase cem anos.

– Esse Natal foi cheio de alegria e milagres. Desde então, mantivemos esse segredo entre nós: foi um presente que a vida nos deu. Quando soube da vossa história percebi que a magia da árvore dos desejos tinha escolhido a vossa família para continuar essa tradição. Acreditem, é uma bênção única – continuou o senhor Matias.

Sebastião, emocionado, olhou para Frederica e depois para os outros membros da família. Eles mal podiam acreditar na revelação surpreendente que o senhor Matias lhes fizera.

– E qual foram os vossos desejos? – perguntou Henrique, curioso.

– Ah, esses desejos já foram realizados há muito tempo. Mas agora, a árvore dos desejos encontrou uma nova casa e uma nova família, e, pelo que vejo, fará coisas incríveis – respondeu o senhor Matias, rindo-se.

A família ficou deslumbrada com a confissão e sentiu a responsabilidade que a árvore dos desejos lhes tinha colocado nas mãos. Perceberam naquele momento que esta tradição especial os uniria ainda mais e lhes permitiria partilhar a magia do Natal com aqueles que mais precisavam.

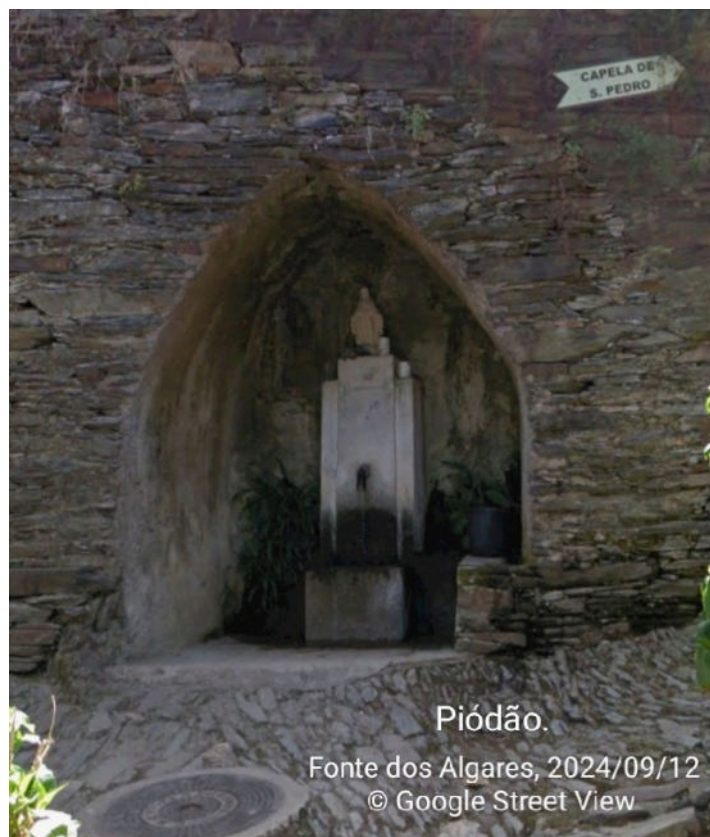
Já anoitecia em Piódão. As luzes dos candeeiros contrastavam com o escuro da noite. Ao caminharem pelas ruas apertadas, o silêncio fazia-lhes companhia e as palavras do Sr. Matias ecoavam nos seus pensamentos.

Capítulo XX



Em fevereiro, os raios de sol já cobriam a aldeia de Piódão, e Frederica ainda se encontrava hesitante quanto ao seu desejo. Os dias tinham-se passado, e o seu enfeite de Natal permanecia intacto.

Num daqueles sábados indolentes, o dia ameno convidava as crianças a explorarem o mundo fora de casa. Frederica caminhava pela aldeia, perdida nos seus pensamentos. No largo principal, deparou-se com a velha fonte de azulejos brancos e azuis, há muito inerte e ressequida, a verter água. A menina olhou, espantada, e reparou, pela primeira vez, na quadra inscrita no coração da fonte:



Em Piódão, onde o sol sorri contente,
Ser solidário é o segredo da gente.
Fazer o bem e não olhar a quem,
Num mundo melhor, iremos além.

Inspirada pela mensagem da fonte, que antes passara despercebida, Frederica compreendeu que o seu desejo tinha de ser destinado a alguém que

verdadeiramente precisasse. Mas quem? Sentada num banco de pedra, contemplou os rostos conhecidos da sua turma.



Havia a Catarina, a menina de cabelos dourados e filha do dono da fábrica de cerâmica. Vivia numa majestosa casa que dominava o cenário de Piódão. Os seus olhos observavam o mundo ao redor com uma altivez que deixava claro o seu *status* privilegiado. Não. A Catarina é que não!

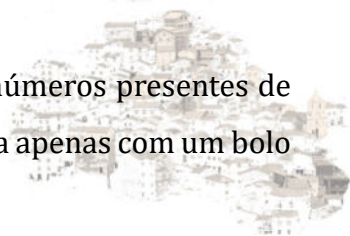
Também havia o seu amigo Luís, um menino tão gentil e amigo de todos. Mas tal como Frederica, a casa do Luís abrigava risos e carinho entre família. O Luís com certeza que também tinha tudo aquilo que era importante.

Foi então que a imagem da pequena Irene, com os seus óculos redondos e sotaque melódico, emergiu da sua mente. Claro! A Irene era a escolha evidente. Diferente das casas da Catarina e do Luís, a casa de Irene contava uma história de simplicidade. As janelas com cortinas desbotadas, o jardim entregue à natureza selvagem e as portas de madeira desgastadas junto com as rachas nas paredes pintavam um cenário de humildade.

Para além disso, há uns dias, Frederica teria ouvido fragmentos de uma conversa entre o seu tio e o seu pai. O tio Afonso compartilhou a notícia que pairava na casa de Irene: o pai dela encontrava-se hospitalizado há duas semanas. O relato seguiu, revelando que o pai de Irene, operário na fábrica de cerâmica, estava impossibilitado de trabalhar. O tio Afonso murmurou sobre a falta de compaixão do pai de Catarina, que, como dono da fábrica, não pagava os dias a quem estivesse doente, deixando a Irene e a sua mãe num emaranhado de dificuldades.

Recordando essas palavras, Frederica sentiu-se com ainda mais certeza da sua escolha. Determinada, abandonou a sombra do largo e, com passos apressados, dirigiu-se à modesta casa da menina. Ao aproximar-se, viu que Irene estava encostada nos degraus do alpendre. Um sorriso radiante iluminou o rosto dela ao avistar a sua amiga da escola, que acenou com entusiasmo. Curiosa, Frederica perguntou se esperava alguém. Irene, com os seus olhos brilhantes, revelou que era o dia do seu aniversário. Contou que aguardava a chegada da mãe do mercado, pois o seu presente de aniversário seria um simples, mas esperado, bolo de cenoura. Diante da surpresa de Frederica, Irene confirmou que aquele seria o seu único presente.

Que triste, pensou. Enquanto ela costumava receber inúmeros presentes de familiares e amigos nos dias do seu aniversário, Irene celebrava apenas com um bolo de cenoura.



Com o coração acelerado pela urgência do seu desejo, Frederica correu para casa, fechou-se no quarto e sentiu a energia mágica do enfeite de Natal nas suas mãos. Fechou os olhos com força e desejou fervorosamente. Desejou a recuperação plena do pai de Irene, desejou um emprego digno que trouxesse luz aos dias daquela família, e desejou tudo o que a Irene merecia, uma casa repleta de paz, semelhante à dela. Num instante, um raio de luz envolveu o quarto da Frederica, e o ornamento evaporou-se.

A menina, ao abrir os olhos, sentiu uma euforia que percorreu o corpo todo. A alegria de ter utilizado o poder mágico para uma coisa boa invadiu-lhe o coração, e Frederica experimentou a felicidade genuína que nasce do ato de fazer o bem.

E, assim, a família de Frederica parecia ter esgotado o último desejo. Alguns foram concretizados na hora, outros permaneciam ainda calados em alguns corações; uns transformaram personalidades mais egoístas em seres mais solidários, outros curaram dores de perdas antigas, quiçá sonhos, que se misturaram com a realidade; uns transformaram aldeias inteiras, outros apenas uma vida, mas, de uma coisa tinham a certeza, todos eles ficaram emocionalmente milionários...

Mas a origem da carta continuava um mistério.

Terá sido a carta um milagre de Piódão? A verdade é que a fonte que nunca tinha vertido água, como se estivesse em silêncio por anos, pareceu, de repente, querer falar em nome de Piódão, quase como se chorasse pela Irene e pela sua família. Uma certeza persistia: Frederica tornou-se um testemunho vivo de que em Piódão, e em todo o lugar, os milagres acontecem quando se estende a mão ao próximo.



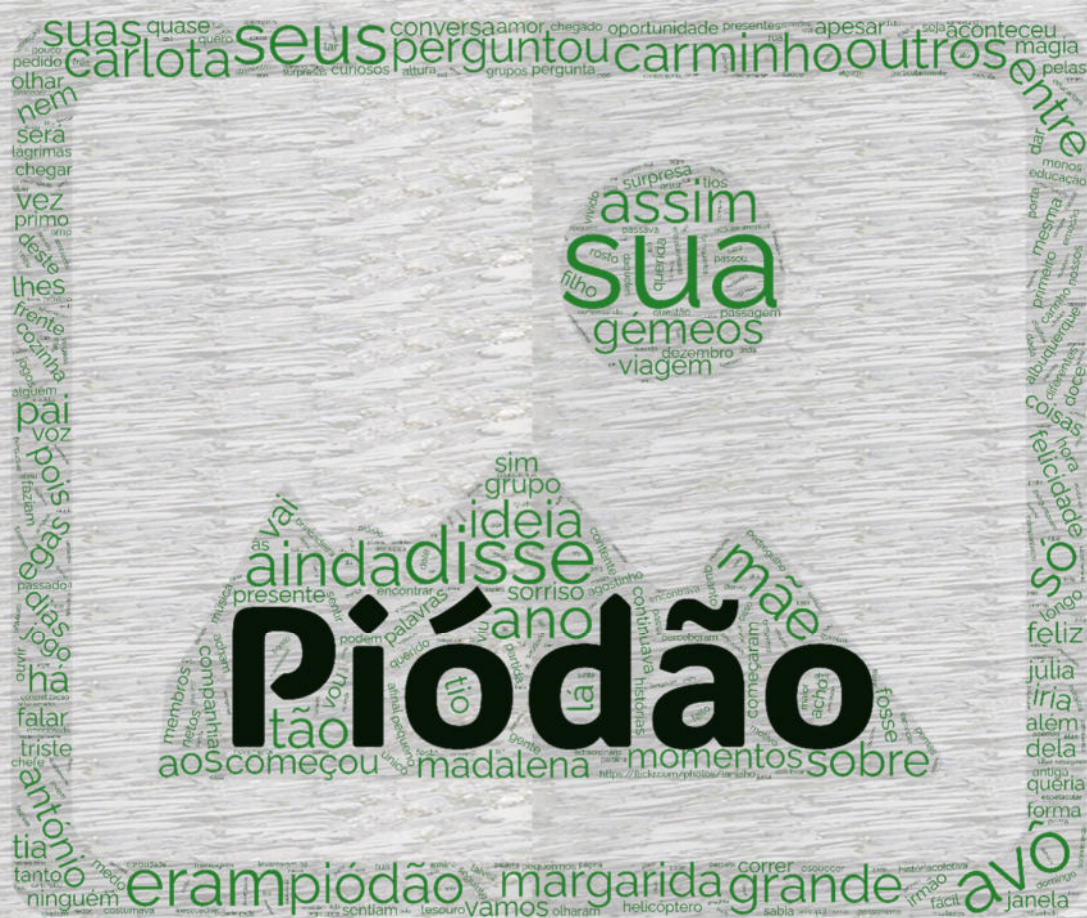
FIM



História
coletiva

ESE João de Deus

Fechamos com palavras
que contam a história.



ESE João de Deus, 2024